

A IMPORTÂNCIA DO ESPAÇO NA PROMOÇÃO DO ENSINO ARTÍSTICO
ESPECIALIZADO

O caso da Escola Artística António Arroio

Diana Baptista Nogueira d'Almeida

Mestrado em Administração Escolar

Orientador:
Doutor João Sebastião, Professor Associado
Iscte – Instituto Universitário de Lisboa

Outubro, 2022



SOCIOLOGIA
E POLÍTICAS PÚBLICAS

Departamento Ciência Política e Políticas Públicas

A IMPORTÂNCIA DO ESPAÇO NA PROMOÇÃO DO ENSINO ARTÍSTICO ESPECIALIZADO

O caso da Escola Artística António Arroio

Diana Baptista Nogueira d'Almeida

Mestrado em Administração Escolar

Orientador:

Doutor João Sebastião, Professor Associado

Iscte – Instituto Universitário de Lisboa

Outubro, 2022

Dedicatória

À minha mãe.

Agradecimentos

A todos os que contribuíram de forma directa ou indirecta para a realização e conclusão desta dissertação.

Resumo

Com o aumento da escolaridade obrigatória para 12 anos foi necessário criar as condições para o desenvolvimento do sistema de educação adaptado às necessidades de cada contexto, nesse sentido foi criado um programa que desse resposta adequada a esta realidade. É hoje reconhecido que a renovação, manutenção e melhoria dos espaços físicos escolares contribui para melhores aprendizagens.

Em Portugal, ao longo das duas últimas décadas, foram feitos grandes investimentos e significativas melhorias em muitas escolas secundárias.

Esta investigação tem como objectivo conhecer de que forma uma escola de ensino artístico especializado das artes visuais e audiovisuais, intervencionada pela empresa pública Parque Escolar E.P.E. foi transformada com essa intervenção e como é que alunos, professores e outros funcionários ocupam e habitam as novas instalações.

Pretende-se confrontar a discussão teórica e exploração empírica do contínuo e entrelaçado dever entre arquitetura, pedagogia e educação artística.

Palavras-Chave: Espaço físico escolar, Políticas Educativas, Arquitectura, Ensino Artístico, Espaço/Aprendizagem

Abstract

With the increase in compulsory schooling to 12 years, it was necessary to create the conditions for the development of the education system adapted to the needs of each context, in that sense a program was created that gave an adequate response to this reality. It is now recognized that the renovation, maintenance and improvement of buildings contributes to better learning.

In Portugal, over the last two decades, major investments and significant improvements were made in many secondary schools.

This investigation aims to find out how a school of artistic education specialized in the visual and audiovisual arts, intervened by the public company Parque Escolar E.P.E. was transformed with this intervention and how students, teachers and other employees occupy and inhabit the new facilities.

It is intended to confront the theoretical discussion and empirical exploration of the continuous and intertwined duty between architecture, pedagogy and artistic education.

Keywords: Physical school space, Educational Policies, Architecture, Artistic Teaching, Space/Learning

Siglas

EAAA - Escola Artística António Arroio

ME - Ministério da Educação

PMEES - Programa de Intervenção no Parque Escolar do Ensino Secundário

OCDE - Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico

Índice	
Siglas	7
INTRODUÇÃO	9
I. REVISÃO DE LITERATURA	13
1.1. O Espaço de uma escola de ensino artístico especializado e a cidade	13
1.2. Aprendizagem no Século XXI	17
1.3. O Ensino Artístico, contexto e perspectivas	18
1.4. Políticas de Renovação dos Edifícios Escolares	20
II. PLANO DE INVESTIGAÇÃO E MÉTODOS	22
2.1. Modelo de análise	23
III. UMA INTERVENÇÃO NO ESPAÇO ESCOLAR: A ESCOLA ARTÍSTICA ANTÓNIO ARROIO	25
3.1. Caracterização da Escola Artística António Arroio	25
3.1.1. Contextualização histórica da Escola	25
3.1.2. A Escola Artística António Arroio	26
3.2. O Programa de Modernização das Escolas do Ensino Secundário	28
3.2.1. Modelo de Financiamento	30
3.3. O Projecto para a Escola Artística António Arroio	30
3.3.3. Espaço e equipamento da EAAA	33
IV. A VISÃO DOS PARTICIPANTES NO PROCESSO	35
4.1. O Programa PMEES	35
4.2. Ensino Artístico Especializado na EAAA;	37
4.3. Espaço / Aprendizagem no Ensino Artístico	38
4.4. Apreciação da Intervenção na EAAA	39
4.5. Finalização da obra	41
CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
BIBLIOGRAFIA	47
LEGISLAÇÃO CONSULTADA	49
ANEXOS	50
A. GUIÃO DE ENTREVISTA	50
B. ARQUIVO FOTOGRÁFICO - Roteiro Visual	54
Registos fotográficos antes da intervenção do PMESS:	62

INTRODUÇÃO¹

A escola é a segunda casa de muitos alunos, professores e funcionários. Segundo a OCDE (2018) o ambiente físico da escola condiciona, podendo promover, ou dificultar, o ensino e a aprendizagem. Os Lugares que habitamos, se considerarmos a promoção de uma aprendizagem ao longo da vida, enfrentam desafios variados.

De acordo com os dados disponibilizados pela OCDE, em média, cada aluno de 15 anos já passou 7538 horas em espaços educativos². É assim importante garantir que os ambientes físicos das escolas sejam projetados para proporcionar vivências saudáveis e aprendizagens eficazes.

Em Portugal a Resolução do Conselho de Ministros n.º 1/2007, de 3 de Janeiro, aprovou o Programa de Modernização do Parque Escolar Destinado ao Ensino Secundário (PMEES), que contribuiu para o objectivo programático do XVII Governo Constitucional que consiste na superação do atraso educativo português face aos padrões europeus enquanto desafio nacional que passou, designadamente, pela integração de todas as crianças e jovens na escola, proporcionando-lhes um ambiente de aprendizagem motivador, exigente e gratificante.

Inserida na preocupação da gestão, organização e administração escolar, esta pesquisa centra-se na forma como este programa de renovação escolar concebeu/transformou um determinado ambiente escolar, do ensino artístico especializado das Artes Visuais e Audiovisuais, e quais as consequências e impacto no dia a dia da escola, no cumprimento do seu currículo e nas aprendizagens.

A Arte existe desde os primórdios da humanidade. A Arte é uma linguagem universal, onde cada um vê o que conhece, é hoje reconhecida como forma de expressão pessoal e cultural, apresenta-se como instrumento essencial ao desenvolvimento social e humano. Desenvolve a percepção e a imaginação, possibilita apreensão da realidade do meio envolvente, desenvolve a capacidade crítica e criativa e assume-se como um instrumento para educar as emoções. Numa escola de ensino artístico especializado das artes visuais e audiovisuais temos de ter as condições para os indivíduos não se distanciarem das suas capacidades inatas de comunicar através do seu corpo, da sua voz, de criar a partir das suas necessidades. A música, a dança e as artes plásticas tiveram um papel fundamental na História. O campo artístico nasceu com o ser humano e contribui para a sua sobrevivência. “Estas formas artísticas estavam igualmente ligadas a uma

¹ Esta dissertação foi escrita ao abrigo do antigo acordo ortográfico

² <https://www.oecd.org/education/effective-learning-environments/>

sociabilidade intensa, pois os sentimentos motivadores provinham com frequência do grupo, e é também certo que o efeito das artes transcende o indivíduo (...) as artes desempenharam um papel importante na estrutura e na coerência dos grupos, em vários cenários...” (Damásio A., 2017).

Tendo em conta estes pressupostos iniciais colocam-se então as seguintes questões de partida: i) Numa escola de ensino artístico especializado das Artes Visuais e Audiovisuais o ambiente físico está adaptado às necessidades de inovação e criatividade necessárias à aprendizagem artística? ii) Que impactos tem uma intervenção no espaço físico de uma escola de ensino artístico? iii) O que orientou essa intervenção? iv) O processo de intervenção teve em conta o perfil artístico da escola? v) Qual é a percepção da comunidade escolar sobre a renovação (inacabada) da escola? vi) O espaço que está acabado satisfaz a comunidade?

O que nos orienta nesta pesquisa é perceber qual a importância do espaço físico escolar enquanto instrumento pedagógico e político, e qual a sua contribuição para moldar as condições da dinâmica de ensino e aprendizagem, particularmente em relação ao ensino das artes.

Um estudo Piloto Internacional de Avaliação da Qualidade de Espaços Educativos, da OCDE, publicado em 2009, refere que os ambientes extremamente deficitários têm um efeito negativo nos alunos e nos docentes e que a sua melhoria produz benefícios significativos. Em particular, o controlo inadequado das temperaturas, da iluminação, da qualidade do ar e da acústica têm efeitos prejudiciais na concentração, no humor, no bem estar, na participação dos alunos e, em última instância, no sucesso da aprendizagem. O estudo demonstra que os modelos mais bem sucedidos são os que exibem condições de flexibilidade e de adaptabilidade às mudanças do currículo bem como às necessidades e solicitações das futuras gerações de alunos e de docentes (OCDE, 2009).

No texto “40 anos de Construção Escolar: Cartografia de um Percurso” da autora Teresa V. Heitor encontramos uma visão muito concreta dos investimentos na construção das escolas e ambientes escolares e nas várias chamadas de atenção tanto de entidades internacionais como nacionais para a necessidade de investimento público Português (Heitor, 2014).

O objetivo geral consiste na caracterização do espaço físico de uma escola de ensino artístico especializado das artes visuais e audiovisuais, enquanto espaço de aprendizagem. Analisar a intervenção do PMEES na qualificação e adequação desse

espaço físico através dos objetivos do programa no contexto das políticas educativas, e das percepções e avaliações dos protagonistas envolvidos no processo.

Dentro deste objectivo geral formulamos os seguintes objectivos específicos:

1. Caracterizar a Escola Artística António Arroio, de ensino artístico especializado das artes visuais e audiovisuais, do ponto de vista dos objectivos estratégicos, dos espaços formais e informais, da arquitectura e da procura deste tipo de ensino tendo como referência o contexto e currículo;
2. Analisar e caracterizar a intervenção realizada no espaço escolar da Escola Artística António Arroio, no âmbito dos objectivos estratégicos do PMEES e das políticas educativas em que se enquadrou este programa;
3. Avaliar a intervenção realizada na Escola Artística António Arroio confrontando os objectivos do PMEES e das políticas educativas, a intervenção realizada e as percepções de protagonistas neste processo.

É neste sentido que consideramos oportuno investigar de que forma as alterações arquitectónicas projectadas e levadas a cabo pelo PMEES e qual o seu impacto no dia a dia da escola. Este estudo centra-se no caso da Escola Artística António Arroio (EAAA), que abriu em Lisboa em 1919 e já passou por vários edifícios em várias localizações da cidade. O actual edifício começou a ser renovado/construído no mesmo local do anterior. Questionamo-nos até que ponto a renovação, iniciada em 2009 e ainda por concluir, contribuiu para a melhoria do espaço físico e arquitectónico, tornando-o mais funcional, tendo em conta as necessidades actuais da sua comunidade, o currículo artístico especializado mas também preocupações ecológicas, ambientais e energéticas.

O objectivo do PMEES é reformar as escolas públicas de ensino secundário. Em Portugal era necessário um programa estruturado e constante de conservação e manutenção dos prédios escolares. Da falta de intervenção atempada e permanente resultaram situações de deterioração física, ineficiência ambiental, falta de segurança e inadequações funcionais confrontadas com uma procura crescente e exigente de ensino.

Esta dissertação está organizada em quatro capítulos. No capítulo I elaboramos uma revisão da literatura sobre os conceitos e paradigmas que utilizamos como fundamentação da pesquisa e nos orientaram na recolha da informação.

O capítulo II descreve os métodos utilizados para a recolha da informação necessária a responder aos objetivos da pesquisa.

Nos capítulos III e IV apresentamos a análise dos resultados. O capítulo III tem início com uma caracterização da Escola Artística António Arroio utilizando a documentação disponível no site da instituição e recorrendo, também, à documentação existente no acervo documental da escola e cedida pela direcção. Neste capítulo analisamos também documentação e legislação relativas ao Programa de Modernização das Escolas de Ensino Secundário (PMEES) e ao projecto elaborado de intervenção na Escola Artística António Arroio.

No capítulo IV elaboramos uma análise das entrevistas realizadas aos protagonistas do processo de intervenção.

I. REVISÃO DE LITERATURA

Considerando o objecto de estudo que consiste na caracterização do espaço de uma escola de ensino artístico especializado das artes visuais e audiovisuais, enquanto espaço de aprendizagem, e na importância da intervenção do PMEES na qualificação e adequação desse espaço, iremos apresentar os princípios teóricos em que assentou esta pesquisa de modo a formular um modelo orientador para a recolha da informação e análise dos resultados.

Procurámos compreender como se ligam os factores que intervêm na aprendizagem artística focando a pesquisa na importância do espaço enquanto vector mobilizador da inovação e criatividade. Recorremos a exemplos de escolas de ensino artístico como é o caso da Bauhaus, da Alemanha, em princípios do séc. XX. Procuramos também contextualizar esta reflexão com os paradigmas da aprendizagem no séc. XXI de modo a compreender e analisar as intervenções arquitetónicas realizadas na EAAA.

Como já referimos na introdução, o estudo centra-se no caso da Escola Artística António Arroio (EAAA), situada na cidade de Lisboa, inaugurada em 1919 e que já passou por vários edifícios em várias localizações da cidade.

1.1. O Espaço de uma escola de ensino artístico especializado e a cidade

“se permitir-nos ter parques, zonas arborizadas e jardins, que prevemos para o novo modelo de planificação aberta (...) a manutenção das áreas abertas, os cuidados com as plantas e as flores, podiam ser uma tarefa para as futuras gerações de adolescentes (...) de certa maneira esta seria uma tarefa preparatória pois quem dela beneficia seriam esses mesmo jovens na fase seguinte da sua vida.” (Tonucci, 1996, p.312).

A Escola Artística António Arroio e a Bauhaus têm a mesma idade, currículos artísticos comparáveis, mas localizadas em países diferentes, com contextos culturais e políticos distintos. A Bauhaus existiu num período muito conturbado na história ocidental, e com um período de vida curto, de 1919 a 1933. A Bauhaus mostrou ser uma influência marcante na história do ensino artístico público e uma referência mundial no mundo da arte (Paschoarelli, L. & Silva, J. & Silva, J. & Silva, D. 2010; Droste, M. 2004). A partir do livro Bauhaus-Archiv da autora Magdalena Droste (2004), percebemos que em 1921, em Weimar, os que faziam parte da Bauhaus, pensaram e planearam não só uma escola de artes com características únicas para a época como também um bairro para os seus mestres e aprendizes. O projeto do bairro da Bauhaus em Weimar nunca chegou a ser construído por falta de apoios do Estado (Droste, 2004). Poucos anos mais tarde, em 1925,

a cidade de Dessau aprovou a construção do novo edifício da Escola Bauhaus de Dessau: Instituto Superior de Formas, um conjunto de casas para o corpo docente da instituição municipal e um lar para os estudantes projetado por Walter Gropius, diretor da escola com o apoio dos seus mestres e alunos. A Bauhaus tornou-se a "epítome da moderna arquitetura alemã" reconhecida até hoje (Droste, 2004, p.120). A história mostra-nos que os ambientes e edifícios escolares públicos sofreram poucas transformações ao longo da sua existência mas que existiram referências comuns para a sua construção, a educação para as massas exigia a construção de edifícios robustos (Dudek, 2000; Heitor, 2014). Após a década de 70 dois estilos opostos continuaram a ser projetados, as escolas tradicionais em estilo neoclássico reduzido e as invenções modernistas dos pioneiros da Bauhaus (Dudek, 2000).

No livro "A cidade das crianças - um modo novo de pensar a cidade" de Francesco Tonucci (1996), entende-se que o jovem deve ser o intermediário na concepção e planificação da cidade e dos seus serviços e espaços, reconhecendo que uma cidade à medida das crianças é necessariamente uma cidade com maior qualidade de vida para todos os cidadãos. Tonucci defende que devem ser encontrados modelos de participação activa entre os jovens nos planos de mudança, melhoria, renovação dos espaços que ocupam, e que as suas opiniões, ideias e preferências devem ser ouvidas (Tonucci, 1996). Também Casanova et al. (2018), demonstram que o envolvimento activo de alunos e professores no projecto de transformação de um espaço de aprendizagem, com o redesenho do espaço e a crítica dos protótipos com a intenção de melhorar os encontros pedagógicos, confere aos participantes o poder de reflexão sobre o processo pedagógico, que pode ser aproveitado para a criação e inovação de espaços de aprendizagem.

"O local menos adequado para realizar a atividade educativa é o prédio escolar, pois, ao encapsular o ensino e a aprendizagem em um espaço unitário, isolado e fechado, tende-se a cortar os contatos com o complexo contexto da sociedade. Por outro lado, parece que a necessidade de educação de massa torna necessária a rápida proliferação de estruturas educacionais. Portanto, devemos conciliar os dois requisitos opostos que negam ou confirmam a utilidade das escolas, que aconselham sua eliminação ou multiplicação. A solução só pode ser a desintegração do edifício escolar como um local específico, destinado exclusivamente a uma função específica. Trata-se de identificar o seu "núcleo" essencial, que deve ser mantido intacto e multiplicado, e a sua "órbita" não essencial – não essencial exceto em relação ao desejo inaceitável de autonomia e exclusão – que pode ser rompido e disperso." De Carlo, 1969

Uma escola é activa quando tem projectos, envolve a comunidade escolar na construção de um contexto desafiante na procura de vivências escolares com significado para todos os participantes, não tendo uma ideia definitiva do processo (Neto, 2020). Costa & Couvaneiro (2019) afirmam que devem ser promovidas situações de aprendizagem

personalizadas, baseadas em projectos, com problemas reais, ligados à vida e às experiências dos alunos, recorrendo a processos de avaliação que constituam processos de aprendizagens. Neto (2020) relembra que as aprendizagens podem acontecer em vários contactos e não devem ser circunscritas dentro de quatro paredes e que esta é uma visão de modelo tradicional e conservador. Costa & Couvaneiro (2019) acrescentam que “em termos educativos, a resiliência das teorias, dos conceitos e das práticas ultrapassadas tende a persistir como lastro que gera entropias e condiciona o desenvolvimento do sistema.” Para Henriques (2019), p.2 “as atividades que ultrapassam a fronteira da tradicional sala de aula parecem possuir um impacto positivo em todas as funções da escola, destacando-se as atividades de natureza interdisciplinar e as que tendem a envolver a comunidade escolar nas aprendizagens dos alunos”. Noutro estudo sobre os limites da escola, Bronkhorst & Akkerman (2016), abordam a continuidade e descontinuidade na aprendizagem em diferentes contextos, referem como desvantagem sobrevalorizar um único contexto de aprendizagem, apoiando-se sobre a ideia de que a aprendizagem é limitada a um único tempo e local e referem que contextos escolares são tipicamente ambientes de aprendizagem altamente regulamentados. Por outro lado, as atividades em contextos fora do ambiente físico da escola, parecem permitir mais tempo e espaço para os interesses pessoais dos alunos. O processo de ensino-aprendizagem é complexo e exige a interação de diversos fatores para ser realizado de forma adequada. Requer desde um corpo docente qualificado até condições de infraestrutura escolar favorável, o que inclui materiais didáticos, equipamentos e estruturas físicas apropriadas (Sabia & Sordi, 2021).

Numa revisão sistemática de literatura sobre ambientes criativos em educação, Davies et al, (2013), referem evidências no desenvolvimento das habilidades criativas e desempenho dos jovens através de: uso flexível de espaço e tempo; disponibilidade de materiais apropriados; trabalhar fora da sala de aula/escola (museus/jardins..); abordagens “lúdicas” ou “baseadas em jogos” com maior grau de autonomia do aluno; relações respeitadas entre professores e alunos; oportunidades para colaboração entre pares; parcerias externas; consciência das necessidades dos alunos; e planeamento flexível (Davies et al, 2013). Também na publicação *Education at a Glance 2016* (OCDE, 2016) a investigação indica que passar algum tempo fora do contexto de sala de aula durante o dia letivo em atividades que não sejam de ensino pode ajudar a melhorar o desempenho escolar dos alunos na sala de aula. Os países da OCDE consideram cada vez mais o recreio e os intervalos como componentes importantes de um dia letivo. Bronkhorst & Akkerman (2016) defendem que olhar para a aprendizagem como um processo que potencialmente se move entre contextos é considerado ecologicamente mais válido.

Vários estudos no campo da arquitectura, mostram que o espaço influencia a saúde e o comportamento humano (Dudek, 2000), relacionam a obesidade com o ambiente físico,

argumentam que “a obesidade está ligada ao ambiente construído como consequência do comportamento humano — neste caso, atividades através de interações físicas” (Garfinkel-Castro, Kim, Hamidi, & Ewing, 2016). Outros estudos relataram resultados semelhantes entre ambientes construídos e saúde mental (Evans, 2003; Halpern, 2013) e que ambientes específicos podem desencadear doenças mentais e promover hipersensibilidade mental (Golembiewski, 2016).

Veloso et al, (2014, 2015), referem que os espaços escolares têm lugar processos dinâmicos de aprendizagem que são simultaneamente, materiais, físicos e sociais e encaram o espaço escolar como um instrumento pedagógico que poderá potenciar ou dificultar as aprendizagens e referem que a sua renovação se enquadra no debate mais amplo do papel que a arquitectura desempenha na sua configuração, ultrapassando amplamente a dimensão física (Veloso et al, 2014).

Um número cada vez maior de professores está a tomar consciência de que o espaço de aprendizagem "define as circunstâncias em que os alunos entram na arena pública" e "é por meio da arquitetura escolar que as ideias sobre a vida coletiva são comunicadas aos alunos" (Van Den Driessche, 2007). O ambiente físico de aprendizagem deve representar a materialização das ideias e valores de uma sociedade, criando ambientes ideais para o processo de ensino e aprendizagem (Burke & Grosvenor, 2008). Para Higgins et al. (2005) as escolas são sistemas em que o ambiente é apenas um dos muitos fatores pedagógicos, socioculturais, curriculares, motivacionais e socioeconômicos que interagem. Pensar o espaço e ambiente escolar exige um conhecimento e uma valorização daquele contexto específico complexo, que abrange tanto a nível social mas também económico, cultural que trazem preocupações técnicas e criativas, para tornar o espaço escolar num espaço revolucionário, inovador, que permita aos alunos e restante comunidade desenvolver as suas capacidades e os seus compromissos.

Segundo Szpytma & Szpytma, (2019), o ambiente físico da escola enquanto espaço de aprendizagem é geralmente considerado de importância secundária no processo educativo. Veloso et al. (2015), referem que os alunos das escolas com bons níveis de construção e manutenção têm melhores resultados do que os alunos de escolas com elevado nível de degradação dos edifícios. Assim, em vez de terem importância secundária, os ambientes físicos escolares constituem uma dimensão essencial da educação (Szpytma & Szpytma, 2019).

1.2. Aprendizagem no Século XXI

Atualmente, há uma preocupação com as *skills* para 2030³, que incluem a criatividade e a inovação dentro de uma estrutura abrangente de habilidades, conforme sugerido por um dos *think tanks* de *skills* do século XXI (Piirto, 2011; OCDE, 2018).

A orientação máxima dentro da EAAA é “o nosso saber faz-se”. Esta frase remete para que sem experiência artística, não existe conhecimento, nem competências artísticas que mobilizem o saber em contextos de atuação específica (Costa & Couvaneiro, 2019, p.49). Para se poder ensinar e aprender tendo em conta as necessidades do ensino artístico das artes visuais e audiovisuais é necessário um ambiente físico complexo, repleto de oficinas e equipamentos específicos para cada curso/especialização. Considera-se que deter conhecimento artístico sem experiência artística “é reduzir a arte a uma mera evocação de conceitos ou a algo asséptico. Nas artes como em tudo, a experimentação está na base do que se entende por competência, a mobilização do saber em contextos de atuação específica” (Costa & Couvaneiro, 2019, p.32).

Nesta perspectiva consideramos pertinente referir o Relatório da UNESCO - Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI - Educação Um Tesouro A Descobrir (1996) onde encontramos um dos pilares da educação com o nome “aprender a fazer”, quando o objectivo é a educação no ensino artístico especializado das artes visuais e audiovisuais, a transformação social, o bem estar coletivo, a educação para a cidadania são sinónimos de contemporaneidade. Estas concepções levam-nos a considerar “o saber fazer” aliado à competência da sensibilidade e expressões culturais de modo a atingir objectivos mais eficazes e duradouros.

A *Battelle for Kids*⁴ é uma organização americana sem fins lucrativos que defende que todos os alunos devem ter acesso a uma educação do século XXI, incluem os 4C's (Pensamento Crítico, Comunicação, Colaboração e Criatividade) como a base de uma nova aprendizagem, são ainda autores do *Framework for 21st Century Learning*.

Um estudo levado a cabo por Szpytma & Szpytma (2019), teve como ponto de partida a psicologia ambiental e criou a ligação entre educação e arquitectura. O estudo apresenta o ambiente físico das escolas como um possível método de interação na educação. Mostrou correlações robustas entre educação, arquitetura e psicologia. E resultou no desenvolvimento do modelo MoPLE21⁵, o estudo analisa a arquitetura escolar como apoio da educação do século XXI. O MoPLE21 foi desenvolvido para servir como ferramenta metodológica e prática, sistematiza 67 elementos do ambiente físico de aprendizagem e foi projetado para ser usado pelos vários representantes educacionais. O estudo mostra que as abordagens interdisciplinares são essenciais para a constituição do ambiente físico educacional e a utilização adequada no processo educativo (Szpytma &

³ <https://www.oecd.org/education/2030-project/>

⁴ <https://www.battelleforkids.org/>

⁵ <https://mople21.org>

Szpytma, 2019). Para Dudek, (2000) a educação é o resultado da experiência em diversos contextos, quanto mais ampla e complexa, mais profunda e intensa é a educação, ampliamos a experiência pela via dos contactos e variedade. Seria desejável garantir que os ambientes escolares fossem pensados para desenvolver tais *skills* (Piirto, 2011; Zhao, 2014; Szpytma & Szpytma, 2019). Na perspectiva de Dudek (2000), as instituições limitam tanto os contactos quanto a educação.

1.3. O Ensino Artístico, contexto e perspectivas⁶

“Se o prolongamento da infância foi o primeiro sinal da elevação do homem, o prolongamento do período sentimental, com as suas sensíveis consequências na arte, na música, na literatura e na religião, representam um estádio ainda mais avançado”
Francesco Tonucci, 1996, p.313

Segundo Fernandes, Ramos do Ó e Paz (2014), a discussão em torno da democratização e da oferta da educação artística de qualidade teve início nos anos 70, com a proposta de instalar “liceus artísticos”, havia a necessidade de expandir, melhorar e acompanhar a rede escolar e sua respectiva população de docentes e alunos, no entanto a rede escolar permaneceu muitíssimo limitada, e mal conhecida. Em 1970, a Escola de Artes Decorativas de António Arroio, como assim se designava, passou para a morada onde hoje se encontra, na rua Coronel Ferreira do Amaral, junto às Olaias.

A educação artística em Portugal é ainda nos dias de hoje uma educação elitista, as escolas públicas de ensino artístico especializado de música, dança e artes visuais e audiovisuais, de acordo o Despacho n.º 13765/2004, de 8 de Junho, obedecem ao processo de seleção para o número de vagas disponíveis, criando instrumentos com base em: provas de acesso e médias de notas... No estudo de revisão do ensino artístico coordenado por Fernandes, Ramos do Ó e Ferreira (2007), p.98, “Relativamente à admissão nos cursos artísticos especializados de Artes Visuais e de Audiovisuais (...), é a prioridade dada à inscrição no 10.º ano de escolaridade dos alunos com melhor classificação final na disciplina de Educação Visual. De acordo com a lei, o único critério de acesso à escola é a melhor nota a Educação Visual, o que cria alguns problemas: restringe a entrada de potenciais bons alunos com boa nota a Educação Tecnológica; limita à priori o acesso a alunos provenientes de escolas que apenas ofereciam Educação Tecnológica no 9.º ano e sobre o qual não foram alertados para esta condicionante de acesso.” Segundo o autor, o critério de acesso deveria ser repensado e considera que devia ser possível ponderar as notas das restantes disciplinas, mesmo que em menor valor.

⁶ Alguns exemplos de escolas do ensino artístico, School of the Arts (SOTA), Singapore - <https://www.sota.edu.sg/>, Escola Massana em Barcelona - <https://www.escolamassana.cat/ca/> e a Royal College of Arts em Londres - <https://www.rca.ac.uk/>.

A arte e a cultura continuam a não ser democraticamente acessíveis à sociedade. No entanto, “o acesso ao ensino artístico ostenta o poder de instrumento para a mobilidade social e garante a deselitização dos produtos culturais” (Costa e Couvaneiro, 2019, p.49). A equidade no acesso à cultura e arte é de extrema importância, como afirmou Sophia de Mello Breyner Andresen, na intervenção que fez na Assembleia Constituinte, em 2 de setembro de 1975: “(...) a cultura não é um luxo de privilegiados, mas uma necessidade fundamental de todos os homens e de todas as comunidades. A cultura não existe para enfeitar a vida, mas sim para a transformar – para que o homem possa construir e construir-se em consciência, em verdade e liberdade e em justiça (...)”. Em 1986 foi publicado na lei de bases do sistema educativo (Lei n.º 46/86, de 14 de outubro) que chama a atenção para a relevância do património cultural e dos “valores estéticos” na educação artística geral, mas também aponta a criação de estabelecimentos especializados destinados ao ensino artístico. Segundo Paulo Freire (1996, p. 24): “Estar no mundo sem fazer história, sem por ela ser feito, sem fazer cultura, sem tratar da sua própria presença no mundo, sem sonhar, sem cantar, sem musicar, sem pintar, sem cuidar da terra, das águas, sem usar as mãos, sem esculpir, sem filosofar, sem pontos de vista sobre o mundo, sem fazer ciência, ou teologia, sem assombro em face do mistério, sem aprender, sem ensinar, sem ideias de formação, sem politizar, não é possível.”

Segundo Fernandes et al. (2014), as artes visuais e audiovisuais mantiveram nos últimos 40 anos um número constante de alunos, que se encontram inscritos na Escola Artística António Arroio em Lisboa e na Escola Artística Soares dos Reis no Porto. Para Costa & Couvaneiro (2019) defendem que as artes estão no mesmo plano da literacia, do domínio da língua materna, do conhecimento científico ou do conhecimento da história.

Nas escolas de ensino artístico especializado é necessário um investimento específico para possibilitar “uma política educativa sustentada é factor essencial para a continuação de um ensino especializado de qualidade, (...) o valor de Orçamento de Estado tem vindo a diminuir, o que se torna gravoso para a actualização de certos equipamentos, para os quais não está prevista qualquer rubrica específica. Neste momento, o orçamento de Estado é apenas suficiente para cobrir as despesas correntes. Note-se que, assumidamente, uma escola secundária especializada beneficia de uma parcela de orçamento ligeiramente superior à de uma escola secundária regular. No entanto, as despesas correntes são também superiores, uma vez que será necessário equacionar despesas de manutenção de equipamentos e aquisição de matérias-primas muito específicas (...) Nestas circunstâncias, a aquisição imprescindível de novos equipamentos para actualização das tecnologias de produção artística fica bastante aquém do que seria de esperar em escolas de ensino artístico especializado que, apesar de manterem um número

de equipamentos invejável, vêm também esse equipamento ser considerado cada vez mais datado.” (Fernandes et al, 2007, p.95)

As escolas de ensino artístico têm, assim como as restantes escolas públicas, a possibilidade de gerar receitas próprias através da venda no bar e na papelaria e do aluguer de instalações, “o que gera apenas um fundo de maneio simbólico” (Fernandes et al., 2007, p.96), no entanto constatamos que a carga letiva destes alunos é superior às restantes escolas públicas, e as instalações têm um horário de ocupação superior. “A matéria orçamental parece claramente, para as escolas, uma incumbência exclusiva da tutela. Na inversa, o orçamento que lhes é atribuído pelo Estado parece não distinguir a sua especificidade formativa, mais concretamente em relação às carências de equipamentos.” (Fernandes et al., 2007, p.96)

1.4. Políticas de Renovação dos Edifícios Escolares

Higgins et al. 2005, refere que a imposição de mudanças de forma externa, independentemente do seu mérito, tenha menos efeito do que mudanças provocadas por meio de consulta interna sobre as necessidades reais do espaço. Os momentos de transformação de uma escola, nas diferentes formas, como por exemplo ao nível da tecnologia de informação e comunicação, ecologia dos edifícios, ambientes e muitas outras trazem para toda a comunidade educativa uma maior sobrecarga de trabalho (Dudek, 2000). Elementos físicos no ambiente escolar podem ter efeitos em professores e alunos. Em particular, o controle inadequado de temperatura, iluminação, qualidade do ar e acústica têm efeitos prejudiciais na concentração, humor, bem-estar, frequência e no sucesso do trabalho desenvolvido (Higgins et al., 2005).

A Comissão Europeia realizou, entre 2021 e 2022, um estudo sobre boas práticas no investimento em infraestruturas escolares "*Smart, effective and inclusive investment in education infrastructure*" e identificou a Parque Escolar, a par de outros sete estudos de caso, como um exemplo de boas práticas. O objetivo deste estudo centra-se em analisar as tendências no investimento nas infraestruturas escolares realizado pelos 27 estados-membros da União Europeia e fornecer recomendações sobre as metodologias usadas para futuros projetos.

No livro, “Espaço e Aprendizagem - Política Educativa e Renovação de Edifícios Escolares” de Veloso L. & Sebastião J. & Marques J. & Duarte A., (2015), na reflexão sobre a relação entre as políticas de educação em Portugal e os espaços de aprendizagem, analisando em paralelo, a evolução da arquitetura escolar e as políticas educativas nas últimas décadas, os autores concluem que "há uma forte relação entre os programas de

construção de escolas e as políticas educativas dos diversos regimes de governação, sendo mesmo possível identificar o modelo arquitetónico com modelo político". O texto termina com um alerta sobre a importância de, na reflexão sobre a escola que se pretende para o futuro, não descurar a importância de refletir igualmente sobre os edifícios escolares, que, para além de serem um importante agente do sistema educativo, são também testemunhos da realidade social. Os autores concluem que os "objectivos do PMEES foram atingidos, na medida em que as escolas têm hoje melhores condições físicas e espaciais, podendo contribuir para a prossecução do novo quadro de funções e objectivos do ensino secundário, e ainda, para a melhoria do desempenho escolar e das práticas de ensino-aprendizagem. O programa conseguiu enfrentar o problema da obsolescência e degradação física dos espaços escolares, adequando-os aos novos desafios educativos, encontrando-se as escolas dotadas de espaços e equipamentos para responder às novas missões a que são chamadas, ao aumento do número e diversidade de alunos que frequentam este nível de ensino assim como a novas modalidades de oferta educativa", Veloso et al, p.200.

II. PLANO DE INVESTIGAÇÃO E MÉTODOS

Como referimos na introdução, o objectivo geral desta pesquisa consiste na caracterização do espaço de uma escola de ensino artístico especializado nas artes visuais e audiovisuais, enquanto espaço de aprendizagem, e na importância da intervenção do Programa de Modernização das Escolas destinadas ao Ensino Secundário (PMEES) na qualificação e adequação desse espaço ao ensino especializado artístico através da análise dos objetivos do programa, no contexto das políticas educativas, e das percepções e avaliações de alguns protagonistas envolvidos no processo.

Dentro deste objectivo geral formulamos os seguintes objetivos específicos: 1) caracterizar a escola de ensino artístico, do ponto de vista dos objetivos estratégicos da proposta, dos espaços formais e informais, da arquitectura e da procura deste tipo de ensino tendo como referência o paradigma do contexto do ensino artístico especializado; 2) analisar e caracterizar a intervenção realizada no espaço de uma escola de ensino artístico, no âmbito dos objetivos estratégicos do PMEES e das políticas educativas em que se enquadrou este programa; 3) avaliar a intervenção realizada confrontando os objetivos do PMEES e das políticas educativas, a intervenção realizada e as percepções de protagonistas neste processo.

Para a concretização desta pesquisa seleccionámos a Escola Artística António Arroio, em Lisboa, por ser a escola de ensino artístico na cidade de Lisboa e que foi sujeita a um processo de intervenção no âmbito do Programa de Modernização de Escolas do Ensino Secundário, que segundo a informação recolhida através do site⁷ pertence ao segundo período das intervenções realizadas no âmbito do PMEES. Acrescentamos a este critério o de acessibilidade à informação específica sobre o processo de intervenção e aos professores e órgãos de gestão desta escola.

A metodologia que utilizamos foi dividida em duas fases. Numa primeira fase, recorreremos à análise documental utilizando o acervo documental existente na escola e também a legislação disponível. Realizamos a pesquisa empírica a partir de análise documental e legislativa sobre o PMEES e a EAAA. As informações aqui apresentadas foram retiradas de um conjunto de pesquisas efetuadas no *website* oficial da escola, Projeto Educativo 2018/2021 e Relatório de Avaliação Externa 2018.

Numa segunda fase foram realizadas entrevistas não estruturadas, respeitando um guião que é apresentado em anexo (guião de entrevista), aos protagonistas directa ou

⁷ <https://parque-escolar.pt/pt/escola/108>

indirectamente envolvidos no processo. Foram entrevistados elementos pertencentes à direção, docentes e funcionários da EAAA. Entrevistámos também técnicos e gestores que participaram ou participam ainda no PMEES⁸. Dentre estes, o critério de aceitação para ser entrevistado determinou a realização das entrevistas. As entrevistas foram desenvolvidas tendo em conta as seguintes categorias: a) Programa PMEES; b) Ensino Artístico Especializado - EAAA; c) Espaço/Aprendizagem no Ensino Artístico; d) Apreciação da intervenção realizada na EAAA; e) Finalização da obra. Consideramos que a realização das entrevistas informais, não estruturadas ou semi-estruturadas, dá aos informadores a oportunidade de desenvolverem as suas respostas fora de um formato estruturado (Burgess, 1984).

2.1. Modelo de análise

Este estudo procura entender o fenómeno do contexto do ensino artístico especializado das artes visuais e audiovisuais, ambiente físico renovado e a sua utilização, e desta forma contribuir para melhoria e readaptação dos ambientes físicos das escolas portuguesas do ensino artístico especializado nas artes visuais e em ambientes específicos para formação e aprendizagens artísticas.

Objectivos	Método de recolha e produção de dados
Caracterizar a escola de ensino artístico, do ponto de vista dos objectivos estratégicos da proposta, dos espaços formais e informais, da arquitectura e da procura deste tipo de ensino tendo como referência o paradigma do contexto do ensino artístico especializado e das aprendizagens do séc. XXI	Análise documental e legislativa Site consultados: https://www.antonioarroio.edu.pt/ https://parque-escolar.pt/pt/default.aspx Atas do Conselho Pedagógico Atas do Conselho Geral Relatórios de Contas do Parque Escolar
Analisar e caracterizar a intervenção realizada no espaço escolar da Escola Artística António Arroio, no âmbito dos objectivos estratégicos do PMEES e das políticas educativas em que se enquadrou este programa	Análise documental e legislativa

⁸ Foi solicitada uma entrevista ao gabinete do arquitecto Aires Mateus, responsável pelo projecto inicial, que respondeu negativamente por falta de disponibilidade. Foi ainda solicitado à empresa Parque Escolar uma entrevista entre os atuais responsáveis, à qual não obtivemos resposta.

<p>Avaliar a intervenção realizada na Escola Artística António Arroio confrontando os objectivos do PMEES e das políticas educativas, a intervenção realizada e as percepções de protagonistas neste processo, como elementos dos órgãos da escola, professores, funcionários e alunos</p>	<p>Realização de entrevistas informais, não estruturadas aos intervenientes que directa ou indirectamente estiveram implicados, a partir de um guião previamente construído.</p> <p>Análise documental e visual do espaço antes e depois da renovação.</p>
--	--

O modelo de análise utilizado para a realização desta investigação consistiu em conceptualizar de modo abstracto e teórico o processo de intervenção arquitectónica numa escola de ensino artístico especializado das artes visuais e audiovisuais, tendo em conta as intenções orientadoras plasmadas no PMEES e as características específicas do ensino artístico especializado, na EAAA, assim como o projecto educativo delineado pela direcção e professores da escola. Integramos também no modelo de análise as percepções de alguns dos agentes que directa ou indirectamente estiveram envolvidos no processo e as percepções face ao processo. A análise consiste no enquadramento político e legislativo, com a descrição das alterações face ao projecto de arquitectura anterior e a avaliação dos resultados.



Fig.1 - Modelo de análise

Este modelo de análise orienta-nos na compreensão e entendimento da sequência do processo de intervenção numa escola de ensino artístico, procurando restabelecer a lógica e os objectivos da intervenção tendo em conta as características do ensino artístico especializado, enquanto ensino exigente do ponto de vista da estrutura e organização do espaço arquitectónico.

III. UMA INTERVENÇÃO NO ESPAÇO ESCOLAR: A ESCOLA ARTÍSTICA ANTÓNIO ARROIO

Ao longo dos dois capítulos seguintes iremos elaborar a análise e discussão dos resultados, a partir das fontes de informação que seleccionámos para responder aos objectivos específicos. Neste capítulo vamos utilizar documentos recolhidos em sites oficiais para analisar detalhadamente o processo de intervenção na EAAA. Como referimos no capítulo da metodologia, vamos sustentar a descrição do processo de intervenção em documentos existentes e produzidos com esse objectivo. Trata-se de documentos de cariz político, administrativo ou técnico (projecto de arquitectura) e legislação de enquadramento.

3.1. Caracterização da Escola Artística António Arroio

3.1.1. Contextualização histórica da Escola⁹

Os primórdios da escola remontam a 1919, ano em que foi inaugurada a escola de Artes Aplicadas de Lisboa.

A Escola Industrial António Arroio foi fundada em 1934, o nome homenageia António Arroio (1856-1934), engenheiro e autor de obras sobre literatura, música e arte e defensor do ensino técnico. Os cursos, originalmente de cinco anos, davam formação nas áreas profissionais de cerâmica, cantaria, cinzelagem, talha, desenho litográfico, labores femininos, e ainda habilitação às escolas de Belas Artes.

Com a reforma do ensino técnico em 1948, a escola passou a designar-se Escola de Artes Decorativas de António Arroio. Foi sob as direcções de Rogério de Andrade e Lino António que surgiram novos cursos profissionais e a secção preparatória às Belas Artes.

Em 1970 a escola passou para a morada onde hoje se encontra, na Rua Coronel Ferreira do Amaral. A oferta formativa contemplava os cursos complementares vocacionados para o acesso ao ensino superior e cursos de artes visuais organizados nas áreas de equipamento e decoração, artes do fogo, artes gráficas, imagem e artes dos tecidos.

Após a revolução de 25 de Abril de 1974, foi extinto o ensino técnico e foram criados os cursos unificados em todas as escolas liceais e técnicas, que passaram a designar-se de secundárias.

⁹ <https://www.antonioarroio.edu.pt/historial-da-escola/>

Desta forma, o nome da escola passou a ser Escola Secundária António Arroio. Mais tarde, em 1980, foi criado o 12.º ano organizado em duas vias: uma vocacionada para o prosseguimento de estudos e outra orientada para a vida ativa. A via profissionalizante incluía os cursos de artes gráficas, meios audiovisuais, design cerâmico e metais, equipamento e desenhador têxtil.

Em 1983, surgem os cursos técnico-profissionais, com três anos de duração, nas áreas de especialização técnica, e ainda os cursos profissionais, apenas de um ano curricular na escola, mas com estágio de mais um ano nas indústrias parceiras, desenvolvidos nas áreas da cerâmica e das artes gráficas.

Em 1993, com a alteração introduzida pela lei de bases do sistema educativo, a escola volta a ter uma vocação de carácter mais artístico e passou a ter o nome de Escola Secundária Artística António Arroio. Foram instituídos oito cursos: dois predominantemente orientados para o prosseguimento de estudos no ensino superior (cursos gerais I e II), e seis vocacionados para o ingresso na vida ativa em distintas áreas de especialização técnica: comunicação gráfica, comunicação audiovisual, ourivesaria e metais, cerâmica, têxtil e equipamento. Cinco anos mais tarde, em 1998, os dois cursos gerais foram fundidos num único, tendo os restantes mantido genericamente os currículos anteriores.

3.1.2. A Escola Artística António Arroio ¹⁰

Na porta da escola podemos ler “AMO-TE”.

“A Arroio... Quando me falam da escola, a primeira coisa que me vem à cabeça, é a diversidade e união da comunidade estudantil. Todos estes estilos e tipos de pessoas juntos num só sítio... É algo único! Mesmo que já não seja o que era dantes, a escola nunca perdeu o seu brilho e sentido do único. Eram outros tempos, outras pessoas, outras modas, simplesmente não podemos ficar presos ao que foi um dia. Continua a ser o sítio mais diverso em que estive e com tanto amor na mesma direção, as artes.”

Ana Carolina Sousa, estudante do 10º ano, em <https://amo-te-arroio.tumblr.com/>



O nosso saber faz-se
ESCOLA ARTÍSTICA ANTÓNIO ARROIO

Registo fotográfico do atrium de entrada da EAAA.

No ano letivo de 2004/05, a escola passou a ter a designação Escola Artística António Arroio e foram implementados os cursos da atual oferta formativa - Comunicação Audiovisual, Design de Comunicação, Design de Produto e Produção Artística - com dupla

¹⁰ no anexo B encontramos, um conjunto de registos fotográficos, que ilustram o antes e o depois da intervenção na EAAA.

valência: prosseguimento de estudos e vida ativa, de nível 4 de qualificação. Para além de ter acabado com a dualidade entre cursos gerais e cursos tecnológicos, esta revisão curricular trouxe a novidade do 10.º ano comum em que, na disciplina de Projetos e Tecnologias, os alunos experimentam várias áreas de especialização para realizar os seus projetos, antes de escolherem o curso mais especializado que vão frequentar nos 11.º e 12.º anos.

A EAAA assume-se através do seu Projeto Educativo¹¹, com os seguintes valores: 1. inclusão | respeito mútuo | diversidade | equidade - o sucesso da escola mede-se pela sua capacidade para criar ambientes que potenciem o sucesso de todos; 2. criatividade | arte | sensibilidade - a atividade artística desenvolve a criatividade, a sensibilidade e a capacidade de fruição da arte e da cultura; 3. pensamento crítico | liberdade | autonomia - a educação promove o desenvolvimento individual, a autonomia e a capacidade de ação numa sociedade em mudança; 4. partilha | solidariedade | democracia | integração de saberes | cooperação - o desenvolvimento da escola como organização faz-se pela partilha de saberes e pelo trabalho cooperativo. Temos consciência de que o desenvolvimento se faz em conjunto e que vivemos num mundo em que é fundamental a capacidade de conciliar os seus próprios objetivos com as perspetivas dos outros; 5. rigor | verdade | exigência | ética | responsabilidade - para formar pessoas e cidadãos exigentes, com amor ao conhecimento, com sentido ético e capacidade para considerar os impactos das suas ações; 6. afetividade | qualidade nas relações - a aprendizagem acontece no contexto das relações humanas, melhor qualidade na relação favorece uma melhor aprendizagem. A EAAA quer ambientes onde todos se possam sentir bem e formar jovens capazes de estabelecer relações afetivas de qualidade.

A localização da EAAA, desde a década de setenta, situa-se na rua Coronel Ferreira do Amaral, na freguesia da Penha de França em Lisboa, junto à rotunda das Olaias. A comunidade escolar é composta por uma população estudantil, em média, de 1250 alunos, 40% reside no concelho de Lisboa, os restantes habitam nos concelhos vizinhos e alguns alunos vêm de outras zonas do país, um terço dos alunos demora mais de uma hora a chegar à escola. A proveniência socioeconómica é muito heterogénea, 21% dos alunos beneficiam de apoio social escolar. Mais de 40% dos alunos têm familiares que exercem atividades no campo das artes ou que já foram alunos da escola.

A partir dos dados encontrados e apresentados no Projecto Educativo, podemos afirmar que de uma forma geral “os alunos sentem-se bem na escola e valorizam o seu ambiente. A maioria possui grandes expectativas a nível da escola e ensino, consideram que esta oferece uma boa preparação profissional futura e prosseguimento de estudos”.

¹¹ https://www.antonioarroio.edu.pt/docs/Diversos/ProjetoEducativo_2018_2021.pdf

No ano letivo 2020/2021, cerca de 77% dos alunos apresentaram candidatura no Ensino Superior e alguns alunos ingressam no ensino superior noutros países. A nível do mercado de trabalho, mais de metade exercem atividade na formação obtida, após o curso. (síntese/ata número 05 - escola artística antónio arroio conselho pedagógico - 2021 | 2022)

No que diz respeito à equipa docente, a escola conta com um grupo de pessoal docente estável composto por cerca de 190 docentes, em que 2/3 deste número pertencem ao quadro e os restantes à contratação de escola, trata-se também de um grupo heterogéneo a nível etário e com uma grande diversidade de perfis de competência profissional. Por fim, a nível do pessoal não docente, a escola está composta por 20 assistentes operacionais, 6 assistentes técnicos e 6 técnicas superiores, designadamente, 1 psicóloga, 4 intérpretes de língua gestual e uma formadora de Língua Gestual Portuguesa (LGP) a meio tempo. A escola possui também, uma associação de pais e encarregados de educação e de estudantes ativos.¹²

3.2. O Programa de Modernização das Escolas do Ensino Secundário

Na sequência Decreto-Lei n.º 7/2003, de 15 de janeiro, (CAPÍTULO VI - Construção, apetrechamento e manutenção de estabelecimentos de educação e ensino) através da elaboração, aprovação e homologação das Cartas Educativas, foi lançado em 2007 o Programa de Modernização das Escolas com Ensino Secundário (PMEES), (resolução de Conselho de Ministros a 3 de Janeiro de 2008).

Este programa foi lançado com o objectivo de colocar o ensino português a par das referências internacionais. O modelo de reorganização arquitectónica usou conceitos baseados no arquitecto Herman Hertzberger, *learning street* e reforça a existência de um núcleo de aprendizagem formal, estruturado em níveis correspondentes às grandes áreas do saber, em diálogo com o núcleo de aprendizagem informal.

O programa centra-se em três objetivos¹³: a) Recuperar e modernizar os edifícios, potenciando uma cultura de aprendizagem, divulgação do conhecimento e aquisição de competências, através de intervenções que permitam: corrigir problemas construtivos existentes; melhorar condições de habitabilidade e de conforto ambiental, com particular ênfase na higrotérmica, acústica, qualidade do ar, segurança e acessibilidade; adequar espaços letivos e não letivos e modernizar os respetivos equipamentos; garantir flexibilidade e adaptabilidade dos espaços letivos e não letivos, de modo a maximizar a sua utilização e a minimizar investimentos no futuro; garantir a eficácia energética dos edifícios de modo a reduzir os custos de operação; b) abertura da escola à comunidade, através de: criação de condições espaço-funcionais e de segurança, que permitem a utilização de partes da escola

¹² https://www.antonioarroio.edu.pt/docs/Diversos/ProjetoEducativo_2018_2021.pdf

¹³ <https://parque-escolar.pt/pt/programa/objetivos.aspx>

pela comunidade em horários pós ou extra-escolares no âmbito das actividades associadas à formação pós-laboral, aos eventos culturais e sociais, ao desporto e ao lazer; c) criar um sistema eficiente e eficaz de gestão dos edifícios, garantindo, para além da operação de requalificação e modernização, três condições: resposta eficaz e eficiente às intervenções pontuais de reparação ou às intervenções programadas de conservação e manutenção; fomentar a correta utilização das instalações e dos equipamentos, formando, acompanhando e responsabilizando os utilizadores; garantir a plena utilização das instalações.

O programa encara a escola como um organismo vivo e evolutivo e define uma hierarquia funcional criando um modelo de escola de acordo com as suas necessidades e utiliza o projecto educativo da escola como base para cada projeto, permitindo responder adequadamente às necessidades, objetivos e características das suas comunidades escolares e garantindo a durabilidade e sustentabilidade da intervenção a longo prazo.

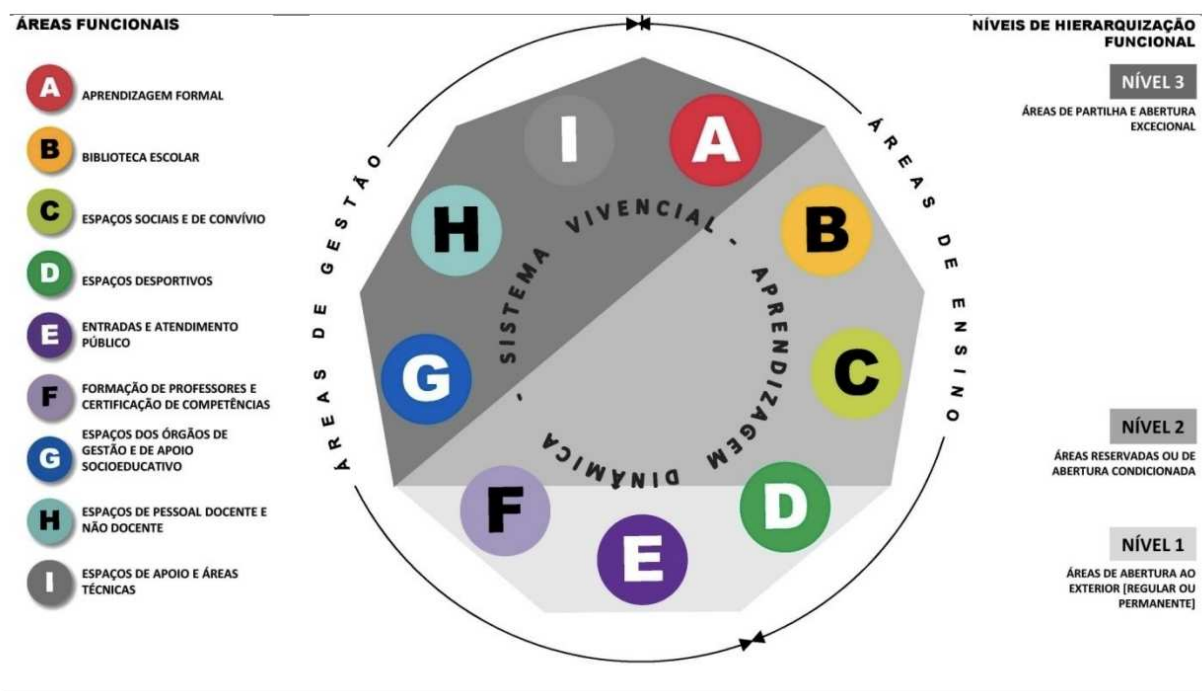


Fig. 2 - Diagrama da organização entre as áreas funcionais¹⁴

Antes da implementação do programa, o parque escolar português integrava um conjunto de 477 escolas com grande heterogeneidade, ao nível do ensino secundário, marcado por várias tipologias edificatórias.¹⁵

O programa iniciou-se com quatro intervenções piloto – Escola Secundária D. Dinis e Pólo de Educação Formação D. João de Castro em Lisboa e Escola Secundária Rodrigues

¹⁴ <https://parque-escolar.pt/docs/site/pt/programa/Parque-Escolar-Manual-Especificacoes-Tecnicas-Arquitetura.pdf>

¹⁵ <https://parque-escolar.pt/search/search-results-pt.aspx?q=Ced%EAnCIA%20de%20Espa%E7os>

de Freitas e Escola Secundária Artística Soares dos Reis no Porto - com investimento estimado de 60 milhões de euros. Até 2012, interveio em 105 escolas, com cerca de 70 projetos em curso. Vários problemas surgiram com a crise econômica e vários projetos foram interrompidos. Atualmente o projecto da Escola Artística António Arroio está ainda por finalizar.

3.2.1. Modelo de Financiamento

O financiamento do Programa é regulado por um Contrato Programa Plurianual entre o Estado e a Parque Escolar que define as regras de relacionamento entre as partes. A empresa Parque Escolar, E.P.E. tem atualmente cinco fontes de financiamento: 1. Recebimento da remuneração pagas pelas escolas intervencionadas e já em fase de operação, conforme estabelecido no Contrato Programa celebrado com o Estado Português; 2. Contratualização de empréstimos de médio e longo prazo junto do Banco de Desenvolvimento do Conselho da Europa e do Banco Europeu de Investimento; 3. Recebimento de subsídios ao investimento provenientes do Estado Português e de Programas Comunitários; 4. Recebimento de rendas dos edifícios não escolares património da Parque Escolar; 5. Empréstimos celebrados com a Direção-Geral do Tesouro e Finanças.

3.3. O Projecto para a Escola Artística António Arroio

Segundo a informação recolhida através do site da empresa Parque Escolar¹⁶, a Escola Artística António Arroio pertenceu ao segundo período das construções escolares. Em comparação com as outras escolas a informação disponível por parte do site da empresa, é inferior. As escolas da fase piloto são as que apresentam mais informação, inclusive foram criadas publicações em formato de revista digital com o nome “RENOVAR” que estão disponíveis para consulta e sintetizam informação relativa a cada projeto, como podemos verificar na página da Escola Artística Soares dos Reis¹⁷ no Porto. No caso da página da Escola Artística António Arroio a informação é muito escassa.

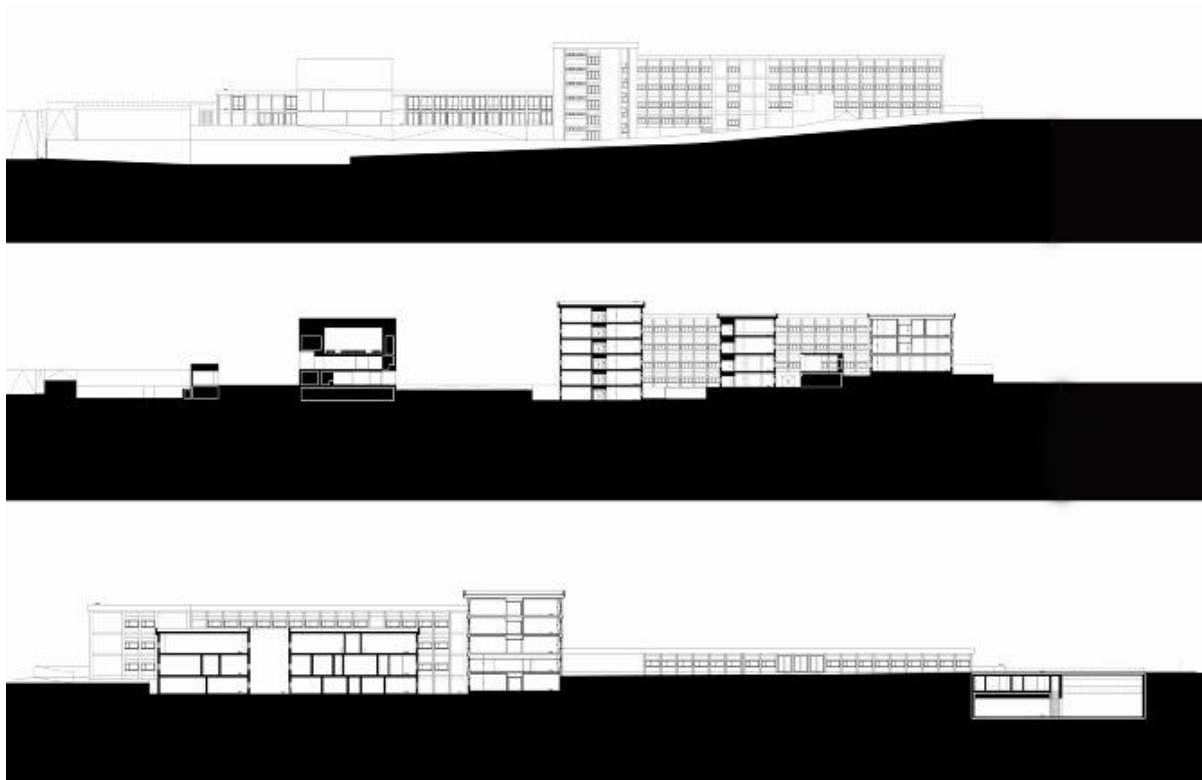
O projeto de arquitetura do edifício da Escola Artística António Arroio foi desenvolvido pelo Atelier do Arquitecto Francisco Aires Mateus, a elaboração do projeto teve o valor de no relatório de contas 2008 de 202.555,00¹⁸, e de 65.275,00€¹⁹ no relatório de contas 2009. Onde também se encontra o projeto de arquitetura paisagística executado pelo atelier Alçada Baptista - Arquitectura Paisagista, Lda. com o valor de 14.547,00€.

¹⁶ <https://parque-escolar.pt/pt/escola/108>

¹⁷ <https://parque-escolar.pt/pt/escola/001>

¹⁸ <https://parque-escolar.pt/docs/site/pt/empresa/parque-escolar-relatorio-Contas-2008.pdf>

¹⁹ <https://parque-escolar.pt/docs/site/pt/empresa/parque-escolar-relatorio-contas-2009.pdf>



Fonte: <http://cargocollective.com/cristinaperes/In-collaboration-with-Arch-Francisco-Aires-Mateus-2>

O projeto de arquitetura foi desenvolvido numa fase inicial, tendo em vista a remodelação e ampliação dos edifícios existentes. Foi desenhado de forma a criar dois núcleos distintos: o lado norte onde se concentram as áreas de ensino (salas de aulas e oficinas específicas), salas de reuniões e apoio aos professores e o lado sul as áreas sociais, como o refeitório, bar, galeria de arte, biblioteca, auditório, e os ginásios. O bloco construído a sul, foi pensado de raiz, visto não fazer parte da planta original, e permitiu criar uma área aberta à comunidade local com a possibilidade de funcionamento autónomo e polivalente. Esta divisão coincide com a programada nos objetivos propostos pelo PMEES, possibilitando a utilização do espaço mesmo com a escola encerrada, ou depois das atividades letivas terem concluído. Também para as áreas desportivas existe a mesma possibilidade e assim, quer os balneários, quer os ginásios interiores ou o campo de jogos exteriores podem funcionar em autonomia em relação à escola, com acessos independentes a partir da zona da entrada do estacionamento da escola.

A linguagem arquitectónica existente foi mantida, no entanto o edifício foi feito de raiz tendo sido demolido o edifício existente, por motivos de ordem estrutural. Esta informação foi confirmada também nas entrevistas.

Foram introduzidas zonas de circulação cobertas e projetados arranjos exteriores com a remodelação integral da rede de águas e esgotos, das infraestruturas elétricas e de

telecomunicações. A lógica e organização espacial das salas de aula e oficinas de arte foi mantida na íntegra.

Os pisos térreos foram reorganizados, a entrada principal da escola foi deslocada para servir de entrada aos dois edifícios para potenciar o prolongamento de atividades letivas e não letivas para o exterior. O projecto de arquitectura optimizou e adequou os espaços, foram feitas uma série de ampliação com vista ao necessário aumento de área, aumentando a capacidade de acolhimento de turmas, houve o acréscimo de cerca de 10 mil metros quadrados de área, contando agora com um número médio de 50 turmas por ano letivo.

No relatório de contas da empresa Parque Escolar de 2011 refere que as escolas de ensino artístico especializado de artes visuais e audiovisuais de Lisboa e do Porto, devem ser vistas como escolas municipais e não locais como as restantes escolas públicas, são escolas com forte componente de equipamentos oficiais e meios audiovisuais.

A empresa Parque Escolar criou os Manuais de Intervenção, Modelo Conceptual de organização espacial e Manuais de Projecto estes documentos técnicos eram divulgados tanto às equipas técnicas responsáveis pelos projectos de arquitectura como ao público em geral. No Manual de Projecto: Arquitectura 2009²⁰, já depois da construção do projecto piloto da Escola Artística Soares dos Reis, conhecida como a escola irmã da EAAA não encontramos especificado as necessidades dos cursos de artes visuais e audiovisuais. Também no documento de 2017 denominado “Especificações Técnicas de Arquitetura para Projeto do Edifício Escolar”²¹ encontramos um instrumento orientador e regulador da conceção, construção e manutenção do edifício escolar na especialidade de arquitetura, e que resulta da experiência adquirida num universo de intervenções, no entanto este documento também não apresenta orientações para o contexto específico das escolas de ensino artístico especializado das artes visuais e audiovisuais, referindo que está em desenvolvimento.

Durante os últimos anos de obras inacabadas muitas têm sido as soluções encontradas pelos diferentes intervenientes, Direção da Escola, Ministério de Educação, Empresa Parque Escolar, e mais recentemente pela Câmara Municipal de Lisboa. Os alunos passaram inicialmente por ter aulas em contentores, num terreno precário junto à escola, fizeram educação física no INATEL, as reuniões gerais de professores aconteceram no auditório do edifício dos Serviços Sociais da Câmara Municipal de Lisboa.

²⁰https://www.dgae.mec.pt/download/escportestrangeiro/reconhecimento/orientacoes_para_a_concecao_e_construcao_de_escolas/20090801_man_ProjectoArquitectura.pdf

²¹<https://parque-escolar.pt/docs/site/pt/programa/Parque-Escolar-Manual-Especificacoes-Tecnicas-Arquitetura.pdf>

Houve inclusive um período entre 2012 a 2019 em que as obras estiveram totalmente abandonadas. Em setembro de 2019 as obras retomaram a empreitada através de um concurso público internacional com a empresa Tâmega Engineering, com um encargo máximo de € 4.312.689,30 (quatro milhões trezentos e doze mil seiscentos e oitenta e nove euros e trinta cêntimos), não incluindo o IVA, a serem utilizados nos anos económicos de 2019 e 2020. Antes deste houve um primeiro procedimento concursal que não teve candidatos.

3.3.3. Espaço e equipamento da EAAA

A partir do Projecto Educativo encontramos a referência que a partir do ano letivo de 2010/2011 a escola passou a ocupar parte do novo edifício. Os espaços oficiais, ampliados e com equipamentos adequados às necessidades das diversas tecnologias, asseguram as condições essenciais para as boas práticas de ensino e aprendizagem dos alunos e são uma referência da escola. Os espaços de cada curso integram distintas salas destinadas aos equipamentos específicos de cada especialização:

- Espaços e equipamentos de tecnologias de som, de fotografia e de montagem cinematográfica e videográfica;
- Equipamentos das tecnologias de meios digitais, de fotografia, de serigrafia, e espaços e equipamentos de pré-impressão e impressão;
- Oficinas e equipamentos de madeira e metais;
- Oficinas e equipamentos de joalheria e prataria;
- Oficinas e equipamentos de cerâmica, de olaria, pintura cerâmica e gesso;
- Oficinas de tecelagem, tapeçaria, estamparia e tinturaria.
- Oficina de serigrafia e gravura.
- Oficinas abertas e integrantes de diversas tecnologias específicas da área de realização plástica do espetáculo.

A escola dispõe de dois laboratórios de Física e Química e uma sala de preparação de atividades experimentais, estando equipados com uma diversidade de materiais e equipamentos pedagógico-didáticos suficientes que têm permitido também o desenvolvimento de atividades de articulação interdisciplinares visando a integração da ciência, arte e tecnologias.

A escola conta com 600 computadores, Apple e PC's indispensáveis a todos os cursos e especializações, enquanto ferramenta de pesquisa e realização projetual, fundamental no atual panorama do ensino artístico especializado.

As instalações desportivas, contam com dois ginásios interiores, e dois campos exteriores.

A biblioteca esteve durante os últimos anos acomodada numa sala de geometria descritiva com cerca de 50m², dotada de uma coleção tendencialmente especializada na área das artes e do design, sendo a sua ação muito limitada pela falta de um espaço próprio e equipamentos adequados. Apesar de funcionar há vários anos em instalações precárias, tem sido um apoio muito importante para as atividades letivas e para o trabalho dos alunos, que utilizam o espaço intensivamente.

A escola não usufrui da zona exterior que circunda o edifício escolar, somente da zona de acesso ao edifício principal. O bloco edificado onde se encontram o auditório, refeitório²², bar, galeria de arte e biblioteca, não estão concluídos.

²² No início de setembro de 2022, antes do início das aulas do ano letivo 2022/2023, foi entregue para utilização, o espaço correspondente ao Bar e Refeitório.

IV. A VISÃO DOS PARTICIPANTES NO PROCESSO

A intervenção realizada no espaço físico da EAAA foi também objecto de avaliação por parte de alguns dos participantes do projecto através da realização de entrevistas. Para a análise das entrevistas foram utilizadas categorias previamente definidas segundo um modelo de análise que apresentamos na metodologia. As categorias formuladas são as seguintes: a) Programa PMEES; b) Ensino Artístico Especializado - EAAA; c) Espaço/Aprendizagem no Ensino Artístico; d) Apreciação da intervenção realizada na EAAA; e) Finalização da obra.

A metodologia que seguimos para a seleção dos entrevistados teve por condição ser alguém directa ou indirectamente envolvido no processo de intervenção arquitectónica da EAAA. Estes protagonistas encontram-se entre a direcção, os professores, os funcionários da EAAA e também técnicos e dirigentes do PMEES. Dentre estes o critério de aceitação para ser entrevistado determinou a realização das entrevistas.²³

4.1. O Programa PMEES

A intervenção na EAAA foi realizada por se enquadrar nos critérios de selecção de escolas definido no âmbito do PMEES isto é *“tinham a ver com o estado de desqualificação e de obsolescência das escolas, tinha a ver com a inserção da escola no meio, a sua importância na área geográfica onde se localizam, e se as escolas já tinham ou não sido recentemente intervencionadas, mas no caso da António Arroio há acrescentar o facto de se ter incluído num vértice do programa as escolas de ensino artístico especializado e a António Arroio surge nesse contexto”* (E5). Entre os entrevistados há quem mencione que a *“selecção e remodelação deste edifício foi política.”* (E4)

O Programa de Modernização das Escolas de Ensino Secundário tinha um conjunto de procedimentos, *“que começava com a definição do plano estratégico da intervenção que era da responsabilidade da escola”* (E5). Dava-se prioridade à realização do seu projecto educativo e *“era solicitado à escola que o fizesse de forma colaborativa, com as várias estruturas, não ficando fechado nos conselhos executivos. Este processo não era controlado pela empresa Parque Escolar. Durante o processo era fundamental um modelo de liderança muito evidente, as escolas sem liderança tinham grande dificuldade em conseguir chegar a consensos e conseguir avançar de uma forma não conflitual para a solução da intervenção. Durante a fase piloto este processo foi muito assistido pela empresa Parque Escolar, a partir da primeira fase já não era possível esse acompanhamento. A*

²³ Foi solicitada uma entrevista ao gabinete do arquitecto Aires Mateus, responsável pelo projecto, que respondeu negativamente por falta de disponibilidade. Foi ainda solicitado à empresa Parque Escolar uma entrevista entre os atuais responsáveis, no entanto não obtivemos resposta.

empresa reunia-se com os conselhos executivos, onde era explicado o processo” (E5). “Os diretores de curso e os diretores de instalações envolveram-me muitíssimo, no início do projecto de intervenção” (E2)

Na perspectiva dos responsáveis pelo desenvolvimento do programa, e segundo um dos responsáveis pela sua implementação “...a posição que eu assumi desde o início, um programa com algum conservadorismo, no sentido com que se quis intervencionar as escolas de forma a que essa intervenção fosse compaginável com os modelos de ensino que eram perfilhados mas que ao mesmo tempo introduzisse uma capacidade de adaptação do espaço a outro tipo de práticas pedagógicas” (E5). “Propunha-se encara a escola como um organismo vivo e evolutivo e definir uma hierarquia funcional criando um modelo de escola de acordo com as suas necessidades e utiliza o projecto educativo da escola como base para cada projeto, permitindo responder adequadamente às necessidades, objetivos e características das suas comunidades escolares e garantindo durabilidade e sustentabilidade.” (E5)

O PMEES iria permitir, não só a reestruturação do espaço existente com as características específicas do ensino artístico mas também a possibilidade e a abertura para a adequação à inovação necessária no futuro. Este aspecto do programa é também reconhecido pelos responsáveis escolares:

“A primeira fase de contactos entre a escola, ministra da educação, e parque escolar a comunicação foi muito positiva, construtiva e eficaz. Existiu uma colaboração íntima entre a escola e o atelier de arquitectura, a escola participou de forma muito activa na elaboração do projecto, tendo em conta o programa da escola, número de salas, a tipologia de salas... A parque escolar foi totalmente receptiva às propostas feitas pela escola”. “No entanto, quando a tutela mudou e entramos num período de receção a comunicação foi ficando cada vez mais repetitiva e sem resultado”. “Na primeira fase da obra veio tudo o que a escola solicitou, tendo em conta o levantamento feito pela direcção em colaboração com os diretores de curso e diretores de instalações, a partir do momento que a obra parou, a escola deixou de ser tida em conta e não chegou mais equipamento” (E2).

E prossegue:

“A empresa parque escolar passou a ter uma relação tensa com a escola, e deixou de haver uma relação de colaboração. Hoje em dia a relação com a parque escolar é, nós reivindicamos e eles justificam-se. Mesmo para a manutenção do edifício que é suposto ter um contrato com uma empresa que gere a manutenção do espaço tem sido completamente dramático, existe muita rotatividade de pessoas, algumas pessoas sem qualificações... O trio entre o

ministério da educação, parque escolar e CML é complexa, e algumas vezes acaba em ping pong de um lado para o outro” (E2).

A Escola Artística António Arroio pertenceu ao segundo período das intervenções escolares do programa tendo tido vários constrangimentos ao longo da intervenção:

“Durante a fase de projeto existem inspecções visuais ao edifício, nestas inspecções não foi possível detectar um problema de natureza estrutural que o edifício possuía, que só foi detectado no início da obra, quando começaram a desmontar o edifício, perceberam a enorme vulnerabilidade de sofria, com a possibilidade de colapsar. O que estava nos arquivos não correspondia ao que estava construído. Esta alteração contribuiu para um atraso na obra e fez com que se tivessem de repetir processos” (E5).

“A colaboração com a Parque Escolar foi muito boa no início até ao momento em que a obra parou. Houve equipamento e material para as oficinas que nunca chegou, aproximadamente 20% do material ficou por entregar” (E2).

Apesar de uma avaliação positiva sobre o projecto de intervenção na EAAA a escola considera que o processo, que ainda se arrasta, contém dimensões críticas:

“Há sempre uma dificuldade porque a parque escolar não sabe comunicar, existe a tendência de separar a escola e a empresa pública”, “...a direção da escola acompanha a obra através de uma reunião presencial quinzenal”, com a empresa de engenharia, empresa de fiscalização e os responsáveis da empresa Parque Escolar. (E1)

4.2. Ensino Artístico Especializado na EAAA;

O currículo de ensino artístico que está em vigor na EAAA é anterior à intervenção arquitectónica da escola. Entre os entrevistados há quem o considere desadequado face à evolução do conhecimento e das novas tecnologias:

“O currículo da EAAA começa a ficar datado, sendo de 2005. Necessita de reformulação, sem criar clivagens bruscas. É necessário fazer um exercício de construção, a partir do zero, o que é a Educação Artística em Portugal. É muito redutor, só existiram dois grandes polos do ensino artístico das artes visuais e audiovisuais. Portugal não apresenta uma oferta adequada do ensino das artes ao nível nacional. Este currículo deve ser revisto/melhorado, tendo em vista a adequação do estado da arte e das novas tecnologias, como na informática, o

curso da produção artística remete para alguma forma do fazer tradicional, analógico, mas não esquecendo o avanço/evolução tecnológico.” (E1)

Mas se o currículo do ensino artístico se considera desatualizado, foi realçada a importância dos recursos humanos de que a escola dispõe:

“A mais valia que aqui temos são as pessoas, os professores têm uma forma muito actual de implementar as práticas pedagógicas, no entanto isso não provém do espaço. Adequação da prática artística, e temos a vantagem de trabalhar com grupos pequenos de alunos.” (E1)

“A escola é um ensino de excelência e faz verdadeiramente a diferença porque tem equipas pedagógicas não é uma monodocência, aqui existe diversidade, o aluno é confrontado com uma equipa pedagógica, nos damos os três em um: 1. ensino secundário; 2. acesso ao ensino superior; 3. vida activa com a Formação em Contexto de Trabalho (FCT) e Prova de Aptidão Artística (PAA)... Equipas pedagógicas e através de projecto interdisciplinares... Nas artes temos formas diferentes de fazer e os alunos são confrontados com estas diferentes realidades, formas de fazer e pensar.” (E4)

4.3. Espaço / Aprendizagem no Ensino Artístico

Os entrevistados manifestaram opiniões diversas e por vezes contrárias sobre a adequação do espaço construído às necessidades do ensino artístico:

“as instalações muito apropriadas, em termos arquitectónicos consegue suster o currículo. A disciplina de Projecto e Tecnologias devia relacionar todas as áreas disciplinares” (E6).

Em sentido oposto um dos entrevistados refere que no currículo da AA “o desenho devia ser o eixo central” (E4).

Sobre a intervenção realizada nesta escola de ensino artístico especializado das artes visuais e audiovisuais gerou-se uma expectativa de possibilidade de alargamento do número de alunos: “A prioridade em ampliar o espaço devia-se à possibilidade de aumentar o número de alunos com acesso ao ensino artístico” (E2).

Sobre o espaço exterior e o projecto de arquitectura paisagística executado, considera-se que o que está construído não serve o ensino artístico nem a inovação pedagógica:

“Esta escola tem 23 mil metros de área coberta, mais 10 mil de área descoberta (...) e temos meia dúzia de canteiros. É um espaço estritamente estanque/congelado... é uma arquitetura muito tradicional e não oferece oportunidades pedagógicas inovadoras, o espaço arquitectónico, podia estar

organizado de outra forma, por “campus”, por exemplos, com várias construções térreas e ligações entre elas que convergiam num edifício social de apoio” visto ter sido o edifício construído de raiz” (E1).

O mesmo entrevistado prossegue:

“Se o edifício fosse pensado hoje deveria respeitar outra tipologia de arquitectura, visto a escola já se ter actualizado ao nível da oferta curricular, com mais especializações e cursos que tinha em 2008. Se fosse hoje seríamos mais ambiciosos. A especialização de Realização Plástica do Espetáculo (RPE) nunca devia ser num primeiro andar, e o pé direito devia ser muito mais alto, por exemplo.” (E1).

4.4. Apreciação da Intervenção na EAAA

De modo geral os entrevistados identificam que foi um processo muito difícil mas que de outra forma a escola não teria as condições que hoje tem. *“O edifício cresceu 10000m2 de área coberta” (E1). “O espaço da escola tem muito potencial, as salas/oficinas permitem juntar várias turmas em simultâneo” (E6). “Trabalho na melhor escola do mundo, é o que costumo dizer às pessoas” (E6)* esta é sem dúvida uma manifestação de reconhecimento.

Existem, contudo, algumas notas dissonantes em pontos específicos resultantes do projeto.

“A ideia era boa, mas nada foi respeitado. Os diretores de instalações - foram recebidos pelo atelier de arquitetura para definir tudo em conjunto a parte elétrica, necessidades... os professores sentiram que estas reuniões serviram de Proforma, mas que não foram executados, respeitados e autorizados. As especificidades de cada curso acabaram por não existir. Em algumas salas a parte elétrica não suportava os equipamentos.” (E4)

É referido que *“as salas e oficinas tinham melhores condições de iluminação natural antes da obra” (E4)*. Também se considera que a escola ficou com melhores condições de arrumação e limpeza, mas notam que as janelas e estores não podem ser limpos, sendo necessário contratar uma empresa externa que utilize escalada ou andaimes. Os estores mostram ser frágeis e alguns já estão estragados. (E3, E4, E6)

Segundo a maioria dos entrevistados a intervenção, ainda que inacabada, foi considerada uma grande melhoria para as condições de funcionamento da escola:

“Quando aqui cheguei as mesas estavam todas escritas. As paredes cheias de grafites. Foram mudanças muito drásticas do antes para o depois. As casas de banho eram terríveis, tudo escavacado. Os alunos tratavam muito mal as

instalações. Antigamente havia muito mais funcionários mas fazia-se muito menos, com menos brio. Esta escola é muito mais acolhedora, com os tetos mais baixos e muito mais fácil de limpar. Os antigos tacos de madeira estavam soltos. Este chão é muito mais fácil de limpar. As funcionárias ainda não têm instalações, estiveram improvisadamente numa sala de audiovisuais, e têm saltado de sala em sala. Agora estamos na museologia, e não temos condições nenhuma, não temos janela...” (E3).

Também para E6 *“uma escola nova dá outro prazer e respeita-se muito mais o espaço do que numa escola antiga e mal cuidada.”*

E ainda outra afirmação:

“O espaço da direcção está mais arrumado, tem mais espaço, tem gabinetes para os diversos elementos, tem uma relação com a secretaria mais funcional, o espaço da direcção tem muito mais qualidade. O que falta é climatização.” (E2)

Mas há quem seja muito crítico em relação a algumas mudanças realizadas. Um dos entrevistados refere o seguinte:

“Deitaram-se coisas fora, teares, equipamentos, máquinas de cinema e animação, a Truca²⁴ de montagem, armários de madeira... foi um disparate, quando o processo parou não veio mais nada. Os equipamentos de mármore dos laboratórios de química... Foi tudo para o lixo, houve aqui muitas coisas péssimas, existe uma descaracterização da escola. A escola tinha o material todo de cinema de animação, onde está?? Ficou encaixotado e ninguém sabe onde está depois das obras. Um estúdio de cinema ofereceu uma Truca de 25mm de montagem de cinema, onde isso está?” (E4).

Reforça a sua posição: *“Eu acho que o programa não trouxe nada de bom.” “O que se passa para esta empresa para não despachar isto?”, “Não despacham esta obra?” (E4).*

E prossegue criticamente:

“Houve uma desilusão muito grande com o arrastar das obras, a sensação que eu tenho é que foi tudo abandonado. Parece ser um modelo copiado de outras escolas, a ideia que se fica é que ser uma escola de artes ou outra qualquer é tudo igual” (E4).

Apesar de ser reconhecida a intervenção como positiva e que houve uma melhoria muito significativa das condições pela maioria dos entrevistados, a questão problemática emerge de forma consistente no facto de as obras não terem sido concluídas. Um dirigente escolar refere o seguinte:

²⁴ Máquina utilizada em cinema para realizar efeitos de trucagem (ampliação, redução, etc.)

"O processo começou muito bem mas nunca foi concluído e passou a ser um processo muito cansativo, desconcertante e de crispação. A partir de uma certa altura era impossível acompanhar, os projetos eram feitos de forma consecutiva repetidamente, as equipas/empresas mudavam e era tudo feito novamente" (E2).

Existe também quem refira que *"o espaço devia permitir dar mais apoio às famílias de alunos que chegam de todo o país, dando uma oferta mais adequada a quem vem de longe e que com 15 anos pode ainda não ter a autonomia e facilidade de movimento necessário"*, *"Sendo a oferta curricular única da zona centro e sul do país, devia existir um edifício de alojamento para estudantes."* (E1).

A intervenção realizada permitiu que o edifício melhorasse a sua eficiência energética. Como resultado o edifício tem pré-instalação de painéis solares (E5) e foram instalados *"painéis solares exclusivamente para aquecimento de água para os banhos dos balneários do ginásio, mas será possível instalar muitos mais sobre toda a cobertura do edifício por ser plana e estar disponível."* (E2)

Mas há quem refira que o projeto *"da escola não é uma grande referência ao nível de sustentabilidade"* (E2) e que podia ser mais ambicioso em termos ecológicos e *"ter forma de aproveitar as águas da chuva para hortas, casas de banho, existe muito a fazer neste campo..."* (E6)

A não conclusão das obras prejudica alguns aspectos de funcionamento considerados importantes. Foi feita a referência ao facto de *"...a escola não ter o controlo, por exemplo, de ligar e desligar as luzes dos corredores durante a noite, ou quando não são necessárias. O controle deveria ser através de um sistema de domótica, que devido a não conclusão da obra não se tem acesso, por todas estas questões o consumo de energia é muito alto. O projeto sugerido pelo arquiteto paisagista também não teve em conta as questões ambientais, o espaço exterior não tem praticamente árvores, é todo alcatroado"* (E2).

4.5. Finalização da obra²⁵

Um dos dirigentes da escola entrevistado, a propósito da conclusão das obras refere que *"a António Arroio passou por momentos de enorme adaptação, com a entrega das diversas fases da obra com atrasos consideráveis, e com algumas fases que a data de entrega está ainda por determinar. Decorridos 10 anos desde o início das obras, a escola tem ocupado progressivamente os espaços concluídos, no segundo edifício onde está*

²⁵ No início de setembro de 2022, antes do início das aulas do ano letivo 2022/2023, foi entregue para utilização, o espaço correspondente ao Bar e Refeitório.

projectado o refeitório, bar, auditório, biblioteca e a galeria de arte está ainda por entregar, é um edifício tão necessário e esperado” (E1).

Espera-se que os próximos meses, correspondentes ao último trimestre do ano de 2022 permitam iniciar a utilização dos equipamentos ainda sob intervenção:

”...ninguém sabe quando está prevista a entrega total do espaço da escola. O delegado regional afirmou que o refeitório e bar serão entregues no dia 9 de Setembro.²⁶ (E1)

“Estamos à espera da conclusão para aproveitar o máximo do potencial da escola, queremos ter paredes de escalada e aproveitar os espaços exteriores para as aprendizagens. Atelier livres, residências, espaços flexíveis. Durante os últimos anos as soluções apresentadas pela empresa Parque Escolar para colmatar as falhas dos prazos de entrega “foram sempre muito precárias e más, tínhamos um bar/refeitório que só suporta 50 pessoas sentadas, exíguo, numa escola com mais de mil alunos e duzentos professores” (E2).

O processo de finalização das obras é descrito como *“desgastante, confuso e difícil de acompanhar... algo talvez comum em projetos de renovação em larga escala.”, “Um ponto que parece mais específico e importante referir é que a empresa Parque Escolar não tinha em conta no seu calendário/planificação as necessidades da escola e do seu calendário” (E2).*

Na dinâmica de ocupação e utilização progressivas, flexíveis e na medida do possível, do edifício pela escola, é notado que a climatização do edifício entregue em 2011 permanece indisponível, comprometida pela não conclusão do segundo edifício. As variações de temperatura das salas de aulas e corredores são extremas. *“Enquanto a escola não for entregue na totalidade não é possível regular o equipamento doméstica, que permite regular os meios de auto-proteção (iluminação, segurança, incêndio...)” (E1).*

Outro resultado dessa flexibilidade é a *“não abertura do o curso de Som, impossibilitado devido à indisponibilidade das salas previstas, entretanto adaptadas para outras funções, como sala para funcionários e salas de desenho” (E2).*

Outro ponto, já referido, é a parte social, multiusos e de estudo com pesquisa, essenciais à aprendizagem dos alunos e ao normal funcionamento da escola, e do seu projeto educativo. Espaços como refeitório, bar, biblioteca, auditório, galeria de arte, e todo o envolvente exterior, incluindo o parque de estacionamento e as zonas de lazer, continuam vedadas à comunidade escolar. Sem alternativa a comunidade adapta soluções fora dos portões da escola, mais dispendiosas financeiramente, e onde não estão garantidas questões de qualidade e acesso:

²⁶ Confirmou-se a entrega do bar e refeitório na primeira quinzena de setembro de 2022.

“A não conclusão traz uma alimentação péssima à comunidade escolar. A comunidade escolar está mais afastada porque não existem espaços de convívio e de lazer” (E2).

“O bar faz muita falta” (E3).

Este é um tema urgente que não pode ainda ser resolvido e que, para a comunidade, se soma à percepção de informação em falta e a uma contínua experiência de prazos não cumpridos.

“...a não conclusão das obras traz sentimento de revolta, de necessidade de chamar à responsabilidade... traz raiva... não podemos, nem queremos continuar a trabalhar nestas condições... é muito constrangedor, já passa das marcas.” (E6) “É muito frustrante ter um edifício com um potencial (capacidade real) que não pode ser utilizado pela comunidade escolar, são demasiados anos sem ver o problema resolvido” (E1).

Todos os entrevistados partilham uma visão da escola, desta escola, como um espaço de criatividade, inovação e espírito crítico. Talvez por isso a longa renovação e os constrangimentos por ela impostos à operação da escola sejam percebidos como um custo a pagar que se tornou mais elevado devido a fatores sob alçada de gestão da Parque Escolar ou derivadas de princípios de atuação desejáveis porém distantes das prioridades da escola:

“...tudo o que seja concursos internacionais, as empresas portuguesas não têm capacidade para dar resposta...” (E1)

“...processo judicial complexo, que fez com que a duração da obra fosse estendida. Várias empresas de construção e empresas de fiscalização foram envolvidas. Questões políticas e judiciais, suspeitas de corrupção... Regras que são necessárias para controlar mas que fazem com que o processo seja complexo e demorado... Estão constantemente a dar prazos de entrega, desde de sempre que o prazo nunca foi cumprido.” (E2)

Os vários entrevistados reconhecem que antes das obras o espaço exterior da escola era pouco utilizado, no entanto uma das queixas dos moradores e preocupações dos pais e professores é a constatação de os alunos passarem muito tempo fora dos portões da escola na área designada por “Ilha”. Este espaço é utilizado pela maioria dos alunos enquanto não estão em aulas. Durante os anos em que as obras foram interrompidas surgiram algumas experiências na tentativa de atrair os alunos para dentro dos portões da escola, como a instalação de um circuito de *skate* dentro do recinto da escola que foi bem sucedida.

Refere ainda um dos dirigentes escolares:

“... é muito difícil abrir-se ao espaço territorial onde se insere - comunidade. E ainda mais quando os nossos alunos não são do bairro. Os nossos alunos passam muito mais horas na escola do que no ensino convencional, em situação precária a vários níveis, tempos livres dos alunos (lazer/interacção), alimentação dos alunos...a escola usa muitos protocolos e parcerias com entidades externas. Recebemos muitos alunos de escolas primárias, idosos... desenvolvem trabalho, para terem experiências nas oficinas. Estamos à espera que a obra termine para poder ter dois atelier para atelier livres, residências artísticas...”

(E1)

A conclusão das obras e a entrega total do edifício e espaço envolvente à escola parece ser o ponto central desta investigação, para se entender o uso real do espaço e o seu potencial.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta investigação realizada com a finalidade de apresentar uma dissertação, no mestrado em Administração Escolar, teve como questão de partida a interpelação suscitada por um programa de renovação escolar que concebeu/transformou um determinado ambiente escolar, do ensino artístico especializado das artes visuais e audiovisuais, e quais as consequências e impactos no dia a dia da escola, no cumprimento do seu currículo e nas aprendizagens. O objetivo geral consistiu na caracterização do espaço de uma escola de ensino artístico especializado das artes visuais e audiovisuais, enquanto espaço de aprendizagem, análise da intervenção do PMEES na qualificação e adequação desse espaço através dos objetivos do programa no contexto das políticas educativas e das avaliações/percepções dos protagonistas envolvidos no processo.

Através da análise dos objetivos do PMEES observamos que a política que deu origem à renovação das escolas secundárias orienta-se para necessidades verificadas ao nível dos edifícios escolares. Propõe recuperar e modernizar os edifícios, potenciando uma cultura de aprendizagem, divulgação do conhecimento e aquisição de competências. Propunha-se também abrir a escola à comunidade através da criação de condições espaço-funcionais e de segurança e criar um sistema eficiente e eficaz de gestão e manutenção dos edifícios. A empresa pública Parque Escolar, criada em 2007 para gerir e implementar o programa português conseguiu, até 2012, intervir em 105 escolas. Vários problemas surgiram com a crise econômica e vários projetos foram interrompidos, incluindo o da escola estudada.

A intervenção realizada na Escola Artística António Arroio, que teve início em 2009, está ainda por terminar. Contudo, a acção de demolição total e construção do novo edifício e espaço envolvente melhorou os espaços físicos, (áreas de circulação, casas de banho, ginásios, balneários) as oficinas dos vários cursos e especializações foram ampliadas e equipadas com equipamentos adequados às necessidades das diversas tecnologias, que agora asseguram as condições essenciais para as boas práticas de ensino e aprendizagem dos alunos e são uma referência da escola. Os espaços de cada curso integram distintas salas destinadas aos equipamentos específicos de cada especialização. Alguns intervenientes entrevistados questionam a tipologia arquitectónica desenvolvida e manifestam que podia estar mais adaptada ao ensino artístico.

Segundo a maioria dos entrevistados a intervenção, ainda que inacabada, foi considerada uma grande melhoria para as condições de funcionamento da escola. Porém, segundo alguns dos entrevistados, certos equipamentos tecnológicos começam a ficar

obsoletos e a necessitar de substituição. Mas ainda que a maioria dos entrevistados tenha reconhecido a intervenção como uma melhoria significativa das condições de ensino/aprendizagem, a questão problemática emerge no facto de as obras não terem sido concluídas e de falta de resposta na manutenção do edifício concluído e entregue.

Reconhece-se que a demora na intervenção teve um grande impacto na vida escolar, afetando diretamente o dia a dia da escola e da sua comunidade e a prática profissional dos professores²⁷. Constatamos a manifestação, por parte dos entrevistados, de que, apesar das melhorias, há prejuízos por causa da não conclusão da obra. A escola tem encontrado soluções de forma a garantir o melhor funcionamento do dia a dia no espaço escolar e nas atividades letivas. Mas o arrastar das obras fez com que as soluções fossem cada vez mais difíceis de encontrar. Muitas têm sido as manifestações, notícias e demonstração de desagrado durante os 12 anos em que vem a decorrer a intervenção, sobre a não conclusão das obras.

Constatamos pelas entrevistas que ocorreu uma mudança de postura por parte da empresa parque escolar, inicialmente muito disponível para ouvir a escola e as suas necessidades, e sempre empenhada em dar respostas consentâneas. No entanto, depois da mudança de administração, mudança de governo e intervenção da Troika, notou-se uma mudança de postura completamente oposta. Essa postura permanece até hoje e não privilegia uma participação ativa da escola e uma comunicação eficaz.

Depois de mais de quinze anos de intervenções do PMEES e, por exemplo, tal como no caso da escola de ensino artístico especializado em artes visuais e audiovisuais, a Escola Artística Soares dos Reis, na fase piloto, observámos que não existe nenhum documento técnico da empresa Parque Escolar que sintetize as normas de projecto sobre este tipo de ensino. Da consulta realizada aos manuais técnicos não encontramos nenhuma referência às características específicas do ensino artístico das artes visuais e audiovisuais.

Não nos foi possível avaliar o potencial das alterações realizadas no espaço físico e arquitetónico da EAAA face às exigências do ensino artístico. Constatamos uma certa ambivalência nas afirmações dos entrevistados, ou seja, se por um lado as alterações já realizadas são positivas, e melhoraram as condições de ensino aprendizagem a não conclusão das obras é referida com manifestações negativas e de desagrado. Por parte dos autores do projecto (as empresas que realizam a obra têm mudado) também há constrangimentos que prejudicaram a execução do projecto.

²⁷ Destacamos a falta de qualidade permanente na alimentação, no trabalho de pesquisa autónomo através do Centro de Recursos, da climatização, da segurança, das medidas de autoproteção, da manutenção do edifício existente, entre muitas outras. Destacando o facto que depois da suspensão da obra em 2012, 20% do equipamento técnico para algumas oficinas ficou em falta.

Consideramos importante a avaliação interna e externa de projectos de intervenção como foi o da EAAA.

Esta investigação/avaliação carece de continuidade após a entrega total do edifício e espaço circundante exterior intervencionado pela empresa Parque Escolar e envolver um maior número de participantes no processo.

Com esta investigação procurámos contribuir para aprofundar o conhecimento sobre o ensino artístico especializado das artes visuais e audiovisuais em Portugal e como o espaço físico e arquitetónico pode influenciar as vivências da sua comunidade escolar e as aprendizagens dos alunos.

BIBLIOGRAFIA

- Bertão, M. P. & Alves, J. M. (2020), As salas de aula nas escolas modernizadas pela Parque Escolar. Entre um voluntarismo retórico e uma míngua de efeitos nos processos educativos. *Revista Portuguesa De Investigação Educacional*, (Especial), 57-84. <https://doi.org/10.34632/investigacaoeducacional.2020.8501>;
- Beck, U., Bonss, W. & Lau, C. (2003) The Theory of Reflexive Modernization. Problematic, Hypotheses and Research Programme. *Theory, Culture & Society*, vol. 20, no 2, p. 1-33. Disponível em: <<http://tcs.sagepub.com/content/20/2/1.abstract>>. ISSN 1460-3616;
- Bryant, V. C., Shdaimah, C., Sander, R. L., & Cornelius, L. J. (2013). School as haven: Transforming school environments into welcoming learning communities. *Children and Youth Services Review*, 35(5), 848–855. <https://doi.org/10.1016/j.childyouth.2013.02.001>;
- Burke, C., & Grosvenor, I. (2008). *Escola*. Londres: Reaktion Books.
- Bronkhorst, L. H., & Akkerman, S. F. (2016). At the boundary of school: Continuity and discontinuity in learning across contexts. *Educational Research Review*, 19, 18–35. <https://doi.org/10.1016/j.edurev.2016.04.00>;
- Casanova, D., Napoli, R. D., & Leijon, M. (2018). Which space? Whose space? An experience in involving students and teachers in space design. *Teaching in Higher Education*, nov., pp. 488-503. <https://doi.org/10.1080/13562517.2017.1414785>;
- Conselho Nacional de Educação (CNE) Organização escolar: o tempo (2017) ISBN: 978-989-8841-11-7;
- Costa, J.; Couvaneiro, J. (2019). *Conhecimentos vs. competências: Uma dicotomia disparatada na educação*. (1a ed.) Guerra e Paz;
- Damásio, A. (2017) *A Estranha Ordem das Coisas 1ªed Lisboa Tema e Debates - Círculo de Leitores*;
- Davies, D., Jindal-Snape, D., Collier, C., Digby, R., Hay, P., & Howe, A. (2013). Creative learning environments in education—A systematic literature review. *Thinking Skills and Creativity*, 8, 80–91;
- De Carlo, G. (1969). Why/How to Build School Buildings. *Harvard Educ Rev*, 39(4), 12;
- Droste, M. (2004). *Bauhaus 1919 – 1933*. Koln: Taschen;
- Dudek, M. (2000) *Architecture of schools: the new learning environment*, ISBN-13: 978-0-7506-3585-1;
- European Commission, Directorate-General for Education, Youth, Sport and Culture, (2022). *A study on smart, effective, and inclusive investment in education*

infrastructure : executive summary, Publications Office of the European Union.
<https://data.europa.eu/doi/10.2766/8576>;

- European Commission, Directorate-General for Education, Youth, Sport and Culture. Barros R. M., Silver E. J. and Stein R. E. K. (2009), School recess and group classroom behavior. *Pediatrics* 123(2): 431–436;
- Fernandes, D.; Ramos do Ó J. do, Ferreira, M. (2007) Estudo de avaliação do ensino artístico. Lisboa: Direcção Geral de Formação Vocacional do Ministério da Educação e Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa;
- Fernandes, D.; Ramos do Ó, J. ; Paz, A. L. (2014). "Da Génese das Tradições e do Elitismo ao Imperativo da Democratização: A Situação no Ensino Artístico Especializado", in Rodrigues, Maria de Lurdes (org.), *40 Anos de Políticas de Educação em Portugal - Volume II - Conhecimento, Atores e Recursos*, Lisboa, Almedina, pp. 149-198 , ISBN: 978-972-40-5649-4, *versão e-book*;
- Fernandes, D. (2015). Acerca do desenvolvimento do ensino e da investigação em avaliação no Instituto de Educação da Universidade de Lisboa, in Projeto Científico-Pedagógico;
- Forsey, Martin G. (2010) *Ethnography as participant listening*, DOI: 10.1177/1466138110372587;
- Freire, P. (1996) *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. ed. 25. São Paulo: Paz e Terra, 1996;
- Garfinkel-Castro, A., Kim, K., Hamidi, S., & Ewing, R. (2016). The built environment and obesity. In R. S. Ahima (Ed.). *Metabolic syndrome: A comprehensive textbook* (pp. 275–286). Cham, Switzerland: Springer International Publishing;
- Golembiewski, J. A. (2016). The designed environment and how it affects brain morphology and mental health. *HERD: Health Environments Research & Design Journal*, 9(2), 161–171. <https://doi.org/10.1177/1937586715609562>;
- Higgins, S., Hall, E., Wall, K., Woolner, P., & McCaughey, C. (2005). The impact of school environments: A literature review. *London: Design Council*;
- Henriques, I. (2019) *AS FRONTEIRAS DA SALA DE AULA: ELEMENTOS PARA UMA PEDAGOGIA DA METAMORFOSE* - Tese apresentada à Universidade Católica Portuguesa para obtenção do grau de Doutor em Ciências da Educação;
- Massey WV, Stellino MB, Holliday M, et al. (2017). The impact of a multi-component physical activity programme in low-income elementary schools. *Health Education Journal* 76(5): 517–530;
- McLoughlin, G. M., Massey, W. V., Lane, H. G., Calvert, H. G., Turner, L., & Hager, E. R. (2021). Recess as a Practical Strategy to Implement the Whole School, Whole Community, Whole Child Model in Schools. *Health Education Journal*, 80(2), 199–209;

- OCDE - Estudo piloto internacional sobre avaliação qualitativa dos espaços educativos - Manual do utilizador, versão final (2009);
- OECD - SCHOOL USER SURVEY (2018) - Improving Learning Spaces Together;
- OCDE (2015). Education at a Glance 2015: OECD Indicators, OECD Publishing. Disponível em: [http://dx.doi.org/10.1787/eag-2015-en.](http://dx.doi.org/10.1787/eag-2015-en;);
- OECD (2016). Education at a glance: OECD indicators. Paris: OECD Publishing;
- Paiva, B. (2018). Arquitetura, Design e Futuro: dimensão didática de espaços e objetos escolares Architecture, design and future - educational dimension of school premises and objects. *Saber & Educar*, 0(24). doi:<http://dx.doi.org/10.17346/se.vol24.328>;
- Paschoarelli, L. Silva, J. & Silva, J. Silva, D. (2010) Bauhaus: conjuntura política e trajetórias. *Convergências - Revista de Investigação e Ensino das Artes*, VOL III (6)
- Szpytma, C., & Szpytma, M. (2019). Model of 21st century physical learning environment (MoPLE21). *Thinking Skills & Creativity*, 34, N.PAG;
- Van Den Driessche, M. (2007). The Journey of Children...'. *Back to School*, OASE, (72), 72–84. Retrieved from <https://www.oasejournal.nl/en/Issues/72/TheJourneyOfChildren>;
- Veloso, L.; Sebastião J.; Canto Moniz G.; Duarte A. e Marques J. (2014), "Espaços de aprendizagem e políticas de educação: 40 anos de arquitetura escolar", in Rodrigues, Maria de Lurdes (org.), *40 Anos de Políticas de Educação em Portugal - Volume II - Conhecimento, Atores e Recursos*, Lisboa, Almedina, pp. 531-557, ISBN: 9789724057859, versão e-book;
- Veloso, L.; Sebastião J., Marques J., Duarte A. (2015) - Espaço e Aprendizagem: Políticas Educativas e Renovação de Edifícios Escolares. Edições Almedina. ISBN: 978-972-40-5783-5;
- Sabia, C., Sordi M., (2021) *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, Araraquara, v. 16, n. 1, p. 127-152, e-ISSN: 1982-5587 DOI: <https://doi.org/10.21723/riaee.v16i1.13473>;
- Piirto, J. (2011). Creativity for 21st Century Skills. In: Creativity for 21st Century Skills. SensePublishers. https://doi.org/10.1007/978-94-6091-463-8_1

LEGISLAÇÃO CONSULTADA

- Portaria n.º 173/2021, de 29 de abril, Diário da República n.º 83/2021, Série II de 2021-04-29, páginas 23 - 24;
- Portaria n.º 187/2019, FINANÇAS E EDUCAÇÃO Gabinetes do Ministro da Educação e do Secretário de Estado do Orçamento;
- Decreto-Lei n.º 7/2003, de 15 de Janeiro;

- Lei n.º 85/2009.

ANEXOS

A. GUIÃO DE ENTREVISTA

Tema: O espaço no ensino artístico especializado

Objectivo geral:

O objectivo geral desta pesquisa consiste na caracterização do espaço de uma escola de ensino artístico especializado, enquanto espaço de aprendizagem, e na importância da intervenção do Programa de Modernização das Escolas destinadas ao Ensino Secundário (PMEES) na qualificação e adequação desse espaço ao ensino especializado artístico através da análise dos objetivos do programa, no contexto das políticas educativas, e das percepções e avaliações de alguns protagonistas envolvidos no processo.

Objectivos Específicos:

- Caracterizar a escola de ensino artístico, do ponto de vista dos objectivos estratégicos da proposta, dos espaços formais e informais, da arquitectura e da procura deste tipo de ensino tendo como referência o paradigma do contexto do ensino artístico especializado e das aprendizagens do séc. XXI;
- Analisar e caracterizar a intervenção realizada no espaço escolar da Escola Artística António Arroio, no âmbito dos objectivos estratégicos do PMEES e das políticas educativas em que se enquadrou este programa;
- Avaliar a intervenção realizada na Escola Artística António Arroio confrontando os objectivos do PMEES e das políticas educativas, a intervenção realizada e as percepções de protagonistas neste processo, como elementos dos órgãos da escola, professores, funcionários e alunos.

Introdução:

Explicar os objectivos da entrevista;

Assegurar o anonimato e a confidencialidade da entrevista;

Solicitar a autorização para a gravação da entrevista.

Categoria	Objectivos	Questões Orientadoras
-----------	------------	-----------------------

Programa PMEES		<ol style="list-style-type: none"> 1. Como eram as políticas de renovação das escolas antes do PMEES. 2. Qual é a tua visão sobre este programa? 3. Como iniciou o processo do PMEES na escola? Que sentimentos trouxe à comunidade escolar? 4. A escola acompanhou o projeto de arquitetura? 5. As obras foram pensadas para aquele contexto específico tendo em conta o ensino artístico especializado? 6. Quem esteve envolvido no acompanhamento das obras? 7. Como correu esse acompanhamento na fase inicial? 8. Quais foram os momentos mais significativos durante estes últimos anos? 9. Como foi entrar e habitar a escola depois de partes das obras estarem concluídas?
Ensino Artístico Especializado - Escola AA	Entender como está organizado o currículo do ensino artístico especializado (Objectivos propostos para o ensino artístico especializado)	<ol style="list-style-type: none"> 1. Como estão organizados os currículos dos diversos cursos da escola AA? 2. Os currículos/programas atuais estão formados dando hipótese às aprendizagens do séc. XXI? 3. O que era necessário melhorar nos currículos do ensino artístico especializado?

Espaço / Aprendizagem no Ensino Artístico	Caracterizar o espaço escolar, formal e informal e a sua utilização	<ol style="list-style-type: none"> 1. Quais são as necessidades pedagógicas da escola? 2. De que forma as instalações actuais cumprem as necessidades gerais? 3. Dentro da sua complexidade de ofertas formativas o espaço da escola permite ser flexível? 4. Os alunos usufruem o espaço? 5. As aprendizagens fazem-se tanto em ambientes formais como informais. O espaço permite esta variedade de aprendizagens?
Apreciação da intervenção realizada na EAA		<ol style="list-style-type: none"> 1. De que forma o PMEES proporciona um ambiente de aprendizagem motivador, exigente e gratificante? 2. O PMEES contribuiu para atualizar o ensino artístico? 3. Quais as grandes diferenças entre o antigo e o novo edifício? 4. A escola cresceu (número de alunos com acesso ao ensino artístico) após as obras de requalificação? 5. De que forma a intervenção PMEES contribuiu para a aprendizagem/desempenho e competência dos alunos? 6. Qual é a tua percepção sobre o espaço da escola? 7. A intervenção contribuiu para melhorar aspectos ambientais, ecológicos e energéticos?

Finalização da obra	Quais as razões para a não conclusão da obra	<ol style="list-style-type: none"> 1. Quais são as razões para a obra não estar totalmente concluída 12 anos depois do início das mesmas? 2. Quando está prevista a conclusão total do projecto? 3. O que a não conclusão traz para a comunidade escolar? 4. Como a direção lidou com este processo durante tantos anos?
Questões Finais	Questionar o entrevistado se quer por alguma questão relacionada com o projecto de investigação.	Alguma questão?
Agradecimento	Agradecer a disponibilidade e colaboração.	

B. ARQUIVO FOTOGRÁFICO - Roteiro Visual

ANTES

DEPOIS

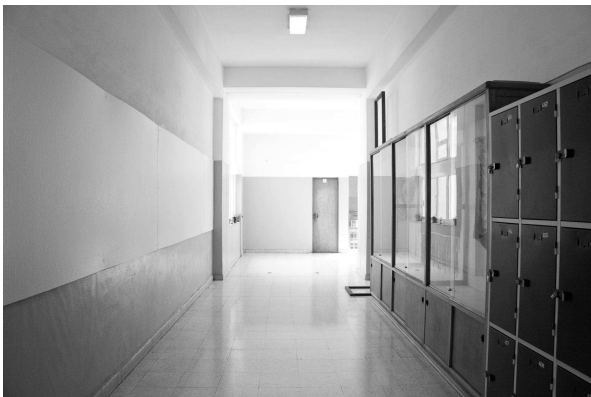
Entrada da escola:



Painel de Querubim Lapa, fachada lateral:



Acessos interiores:





Secretária





Papelaria:

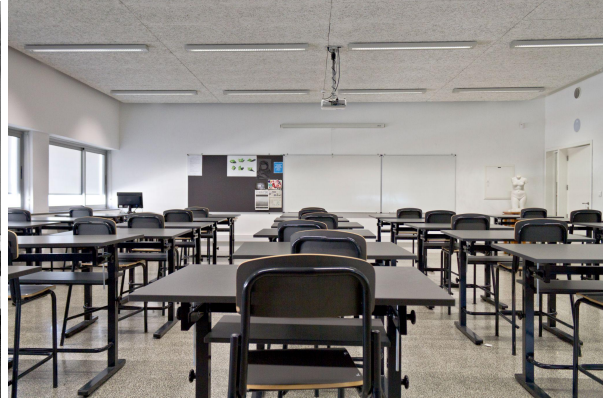


Salas e Oficinas:









Ginásio:



Sala dos Professores:



Casas de Banho:



Zona Exterior:

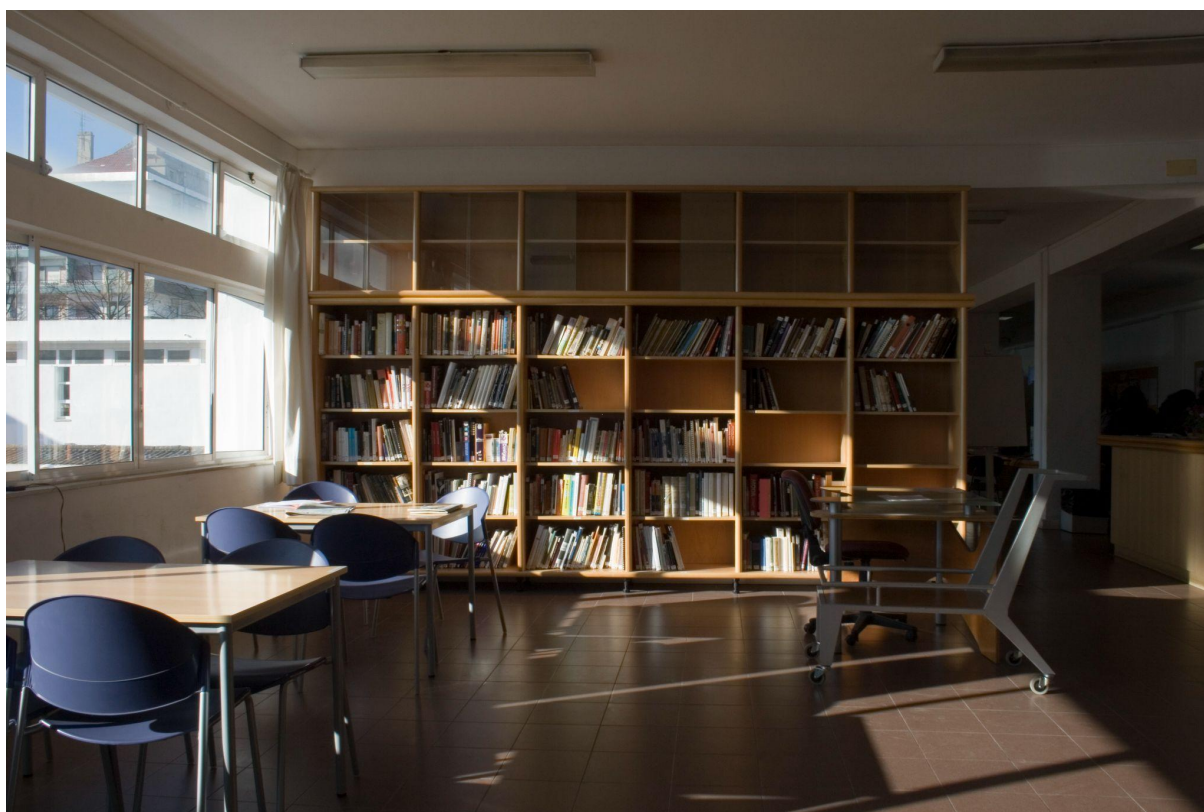




Registos fotográficos antes da intervenção do PMESS:

Espaço por concluir.

Centro de recursos:



Galeria:



Refeitório:

